

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

VICTOR FABIAN GOMES XAVIER

**EXPERIÊNCIA E ENSINO DE FILOSOFIA À LUZ DE GABRIEL MARCEL**

Recife  
2022

VICTOR FABIAM GOMES XAVIER

**EXPERIÊNCIA E ENSINO DE FILOSOFIA À LUZ DE GABRIEL MARCEL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Ensino de Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Junot Cornélio Matos

Recife  
2022

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

X3e Xavier, Victor Fabiam Gomes.  
Experiência e ensino de Filosofia à luz de Gabriel Marcel / Victor Fabiam  
Gomes Xavier. – 2022.  
86 f.

Orientador: Prof. Dr. Junot Cornélio Matos.  
Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal de  
Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Recife,  
2022.

Inclui referências.

1. Filosofia. 2. Ensino de filosofia. 3. Experiência. I. Matos, Junot  
Cornélio (Orientador). II. Título.

107 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2022-083)

VICTOR FABIAM GOMES XAVIER

## **Experiência e Ensino de Filosofia à luz de Gabriel Marcel**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Ensino de Filosofia.

Aprovada em: 15/07/2022

### **Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Junot Cornélio Matos – Orientador  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Sérgio Ricardo Vieira Ramos – Avaliador Interno  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Claudinei Aparecido de Freitas da Silva – Avaliador Externo  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

A todas as pessoas que diariamente, muitas vezes até sem perceber, me ajudaram a chegar até aqui.

À minha esposa: Lara Sodré Cardoso Xavier.

À minha filha: Gianna Maria Sodré Xavier.

À minha mãe: Elieth Barbosa Xavier.

Ao meu pai: Francisco Gomes da Silva.

Aos meus irmãos: Karla, Flavius, Guilherme e Lorryne.

Aos meus familiares todos: sobrinhos, primos, tios e avós.

Aos meus amigos.

Ao meu orientador: Junot Cornélio Matos.

Ao professor Claudinei.

À toda UFPE.

À todos meus alunos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Bom Deus pelo seu imenso cuidado em me iluminar diariamente para que eu chegasse até aqui.

Agradeço à minha esposa, Lara Sodré, por toda paciência, respeito e incentivo para eu concluir esta etapa tão importante da minha vida.

Agradeço a minha filha, Gianna Maria, recém-nascida, nesta etapa final do Mestrado. Ela com certeza é inspiração diária para que eu cresça e seja exemplo cada dia mais e mais.

Agradeço a minha mãe, Elieth, por todo esforço em me educar, lutar por mim e insistir para que eu nunca desista dos meus sonhos.

Agradeço ao meu pai, Francisco, (in memoriam) por todo zelo pela minha educação até o último dia de sua vida entre nós.

Agradeço aos meus irmãos, Karla, Flavius, Guilherme e Lorryne, por sempre estarem ao meu lado depositando esperança na minha capacidade racional.

Agradeço a todos os demais familiares: sobrinhos, primos, tios e avós. Vocês são sempre peça fundamental na construção da minha existência.

Agradeço a todos meus amigos, de perto e de longe, que com suas presenças, com suas palavras, sempre me animaram a lutar pelos objetivos que tenho.

Agradeço a toda UFPE, em especial ao meu orientador, Junot Cornélio Matos, por toda ajuda nessa viagem rumo ao conhecimento profundo deste tema aqui abordado e a todos os professores do PROF-FILO.

Agradeço ao professor Claudinei, pelo apoio durante toda a minha pesquisa.

Agradeço a professora Aparecida Oitaven, pela correção do português desta dissertação.

Agradeço a todos os meus alunos que diariamente me ensinam como ser o melhor professor que não posso jamais esquecer de ser.

Agradeço, por fim, a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização deste trabalho.

A revelação do ser, ou o acesso a sua revelação, constitui um grande desafio para a contemporaneidade. Marcado pela lógica do problema, pelo espírito técnico e pelas alienações, o homem está impossibilitado ou se encontra em situação incapaz de acolher ao que ainda não é plenamente revelado. As buscas e soluções técnicas o determinam na esfera do problema e no âmbito do ter. Cabe à educação capacitar e formar o homem para a assimilação e interiorização do ser, em nível de interioridade, quer dizer, em desenvolvimento criador. Quem vive realmente não é só quem tem gosto pela vida, mas sim quem contribui a espalhá-la, como aticá-la ao seu redor (MARCEL, 1953, p. 132).

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar a experiência e ensino de filosofia à luz de Gabriel Marcel como solução para as diversas crises existenciais que vigoram. Crises essas que afetam a totalidade do ser humano: a existência, a família, a educação, a moral, a metafísica. Apresenta-se Marcel, sabendo, pois, o quanto este filósofo francês do século XIX-XX, tem uma voz necessária para esses problemas da atualidade. Marcel coloca a filosofia como sendo uma mediação na formação do ser humano, com a missão de combater os fanatismos que insistem em existir, fruto da perspectiva de massa que tem levado muitas pessoas a perderem a noção de individualidade e de singularidade. Fanatismos esses que podem ser encontrados de várias formas: com a redução do mistério ao problema que tem levado o homem a angústia por não ver esperança; com a supervalorização do ter sobre o ser que insere o ser humano na busca pela felicidade no consumismo, e com a força do espírito de curiosidade frente ao espírito de inquietude que tem paralisado as pessoas, não suscitando nelas uma vida superior. Essas e tantas outras realidades fizeram o pensador francês, Gabriel Marcel, mergulhar seus estudos sobre a realidade humana, criticando o espírito de abstração, que é uma das grandes doenças da inteligência, insistindo na necessidade da encarnação. No seu tempo e ainda hoje o ser precisa tornar-se quem ele é, não aceitando ser imitação de outros seres, pois o acesso à abstração é muito facilitado, mas ao concreto exige um esforço gigante. No entanto, essa conquista do concreto não pode ser resolvida em um instante, num piscar de olhos, não pode ser uma mágica. Marcel propõe, então, uma filosofia da existência que, em meio a degradação da educação que se vive na atualidade, pode ajudar o homem a encontrar o seu lugar. O professor de filosofia, nesse sentido, tem a missão de criar uma filosofia da existência que possa dar sentido humano a si e às relações existentes, inspirar e despertar o educando a poder escolher o caminho da sua realização, formando sua dignidade e autenticidade pessoal.

**Palavras-chave:** filosofia; ensino; experiência.



## **ABSTRACT**

The objective of this paper is to present the experience and teaching of philosophy within the scope of Gabriel Marcel as a solution for the several ongoing existential crises. Such crises affect the totality of the human being: its existence, family, education, morality and metaphysics. Therefore, Marcel, a French philosopher from the XIX-XX century, is presented as a well-known and necessary voice for current issues. Marcel sets philosophy as the mediator in human formation. He establishes its mission of opposing the enduring fanaticism, which is a fruit of the mass perspective leading people to lose their sense of individuality and singularity. This fanaticism can be found in various forms: as the reduction of the mystery to the problem that has led mankind to hopelessness and then anguish; as the overestimation of having rather than being, which makes human beings seek happiness in consumerism; and as the strengthening of the spirit of curiosity opposed to the spirit of uneasiness, which has paralyzed people and prevented them from aspiring a superior life. Realizations like those and many others pushed the French thinker, Gabriel Marcel, into deep studies on human reality, and then criticisms about the spirit of abstraction. Such spirit is considered one of the great sicknesses of intelligence, so he insisted in the necessity of incarnation. Back at his time, and still today, the being needs to become who they are, and to not accept to become an imitation of other beings, for the access to the abstraction is quite facilitated, but it demands incredible effort to the concrete. However, the conquest of the concrete cannot be resolved in an instant, in the blink of an eye. It cannot be magical. Marcel then proposes a philosophy of existence, which may help men find their place amidst the degradation of education we currently live in. Thus, philosophy teachers have the mission to research and develop a philosophy of existence that gives human meaning to itself and to existing relations. Also, it should awaken and inspire pupils so that they are able to choose the path to self-realization and shape their personal dignity and authenticity.

**Keywords:** philosophy; education; experience.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA E EXPERIMENTO CIENTÍFICO.....</b>	<b>17</b>
2.1	POSIÇÃO PRELIMINAR.....	17
2.2	PROBLEMA E MISTÉRIO.....	22
2.3	SER E TER.....	28
2.4	ESPÍRITO DE CURIOSIDADE E ESPÍRITO DE INQUIETUDE.....	34
<b>3</b>	<b>EXPERIÊNCIA E FILOSOFIA CONCRETA.....</b>	<b>36</b>
3.1	POSIÇÃO PRELIMINAR.....	36
3.2	A CRÍTICA AO "ESPÍRITO DE ABSTRAÇÃO".....	37
3.3	A CONQUISTA DO CONCRETO E O PESO ONTOLÓGICO DA EXPERIÊNCIA.....	41
3.4	A ENCARNAÇÃO COMO DADO PRIMEIRO DA METAFÍSICA.....	43
<b>4</b>	<b>EXPERIÊNCIA VIVA E ENSINO DE FILOSOFIA.....</b>	<b>48</b>
4.1	POSIÇÃO PRELIMINAR.....	48
4.2	A SITUAÇÃO DO FILÓSOFO NO MUNDO ATUAL.....	50
4.3	A MISSÃO DO PROFESSOR DE FILOSOFIA.....	59
4.4	FILOSOFIA E TECNOLOGIA.....	71
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>78</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>81</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A experiência e ensino de filosofia à luz de Gabriel Marcel foi o tema escolhido para esta dissertação por se perceber a necessidade deste assunto para o mundo de hoje, que tem, inevitavelmente, vivido uma crise e uma confusão na educação e na vida das pessoas.

Pensando a fundo sobre todos esses questionamentos, surgiu nos séculos XIX-XX Gabriel Marcel, o qual foi um grande defensor da filosofia como uma amiga do ser humano, disposta a ajudá-lo a enfrentar tudo que ele precisa para se afirmar como um ser racional. Amiga essa que não tem nenhum interesse a não ser cumprir esse seu dever.

Em contrapartida, hoje percebe-se, nitidamente, o quanto a vida humana e a educação estão em crise, e, conseqüentemente, a filosofia segue o mesmo rumo. Esta encontra-se desacreditada por ter perdido seu sentido profundo, precisando retornar ao devido lugar para realizar seu papel social de iluminadora do homem na direção do ser.

Este grande pensador existencialista acredita que o ser humano está a caminho, numa constante peregrinação. Essa estrada precisa levar o homem a restaurar e resgatar sua dignidade ontológica. Por isso, a filosofia de Marcel é tão difundida neste trabalho, com o desejo de registrar um filósofo que muito lutou por uma filosofia real, palpável, longe dos holofotes, das mídias e da fama. Dessa forma, ele difunde a crença de uma filosofia próxima do homem, cumprindo seu papel de não o deixar alienar-se, mas ser livre, mesmo em meio a tendência tecnicista de torná-lo um objeto.

Em seus estudos, Marcel insiste no poder da reflexão, para que o ser humano não esqueça sua característica própria: a racionalidade. A busca pela verdade tornou-se a inquietação que levou tantos filósofos a doarem suas vidas por essa causa significativa a qual não pode parar de reger a existência humana nos dias de hoje.

Uma das maravilhas da filosofia de Gabriel Marcel é a sua Filosofia do Mistério, sem cair no abismo do romantismo. Através de suas peças de teatro ele

rompe com a visão de filosofia anterior a ele, apresentando uma filosofia diária que acontece no drama da vida existencial das pessoas. Esse filósofo defende que enquanto o ser caminha na estrada em vista de se transformar em ser, a filosofia aí se encontra, pois somente é possível conhecer o ser por meio da experiência real do concreto.

Atualmente a filosofia não é vista como algo ultrapassado. Pelo contrário, parece modismo ser filósofo. Tem se percebido uma maior procura pela graduação em filosofia com intuito de nomear-se apenas como filósofo. Dessa forma, a filosofia tem perdido seu rumo, por se prender a muitos ismos da história. Eis que surge um desejo de Marcel: colocar a filosofia no seu devido lugar.

Seguindo esse raciocínio, deseja-se, no primeiro capítulo, apresentar um panorama sobre experiência filosófica e experimento científico, trazendo características presentes hoje em dia que fazem esse tema ser importante. Somado a isso percebe-se certo estranhamento em adjuntar filosofia a um meio científico.

Marcel trabalha temas muito sugestivos para ajudar a entender o homem do século XXI. Por isso, para melhor esclarecer esse primeiro capítulo, abordam-se algumas diferenças que ainda não estão claras na cabeça das pessoas, sendo elas grandes causadoras de desastres existenciais na atualidade.

A primeira delas é problema e mistério que em meio a visão tecnicista, consumista e utilitarista que se vive hoje, parece ser complicado entender algo como sendo mistério. Sendo assim, Marcel divide bem essa questão. Para ele, o problema faz parte da reflexão primeira, já o mistério faz parte da segunda reflexão.

Essa redução do mistério ao problema é, na verdade, uma característica muito própria do mundo atual, no qual há coisificação de tudo, inclusive do próprio homem, estando assim imerso na sociedade do descartável. Sendo assim, o ser humano é uma peça, um número. Olhar as redes sociais é perceber que não importa quem está por trás das telas, mas sim a quantidade de seguidores do perfil.

O homem não pode ser só isso. O problema carrega em si a necessidade de uma solução. Por isso, o ser, nessa perspectiva, é algo que somente consegue realizar o que a técnica realiza. Isso é regido pela imanência, mas não se pode esquecer que ele também é mistério. Existe uma perspectiva existencial a partir do

ser encarnado e, assim, vigora também a dimensão da transcendência. O ser não é um objeto e, portanto, precisa de uma aproximação de conduta fiel ao ser.

Essa reflexão desemboca no próximo tópico que é a diferença e a relação do ser e do ter, que é um tema bastante comentado ainda hoje, mesmo sendo tão pouco compreendido e muito menos refletido com seriedade que lhe é devida, como o fez o filósofo francês que é a base deste trabalho.

Sempre quando se pensa nesse paradoxo do ser e ter, pensa-se no que se tem e no que se é. Não se pode negar que o ter tem gerado um esvaziamento muito grande nas pessoas, tendo a aparência prevalecido sobre a realidade. Fato é que a sociedade tem reduzido o homem ser ao ter.

Não causa estranhamento nem é um pensamento novo ao se dizer que o ter encontra-se no plano da técnica, da objetividade e quanto mais se tem, mais se quer ter, situação essa que tem levado o homem ao desespero e angústia, por não possuir tudo que o consumismo produz.

Em Marcel, filosofar é buscar insistentemente o ser. Se, na reflexão primeira, ele apresenta a degradação do ser, na reflexão segunda ele revela e restaura o seu degradado, pois para ele o que mais importa é relacionar o ser com o existir, sendo o ser sempre a potência, o poder da existência. Ele é sempre o que percorreu, o que está percorrendo e o que ainda almeja alcançar.

Encerrando o primeiro capítulo, acena de maneira rápida - pois não faz parte do plano metodológico aprofundar - dois temas que estão interligados ao que foi escrito: espírito de curiosidade e espírito de inquietude. Como já foi dito, Marcel insiste na dimensão da reflexão do ser humano, sendo essa uma característica marcante de tantos filósofos do passado.

Por fim, ele não deixa de insistir que a verdadeira filosofia é a que os gregos viviam na antiguidade, a qual é fruto do espanto e não apenas da mera curiosidade, que é uma característica da filosofia hoje. Sendo assim, na experiência filosófica e no experimento científico, Marcel deixa claro que a inquietude humana reforça e sustenta a vida superior do espírito, já a curiosidade humana a paralisa.

O fio condutor do segundo capítulo é sobre a experiência e filosofia concreta, pois, como já fora anunciado em Marcel, a filosofia é palpável, prática e não meras teorias. Ele coloca o homem no centro para que, o ser humano possa entender o seu espírito e tomar posse do que ele realmente é. No entanto, uma das coisas necessárias para que isso aconteça é a crítica ao espírito de abstração.

O ser humano tem se tornado cada vez mais vítima desse espírito de abstração. A abstração em si tem um caráter racional, pois procura um fim esperado. Entretanto, o espírito se perde, devido às fascinações, às ilusões, fazendo-o viver longe da consciência de suas ações.

O espírito de abstração também está aliado à técnica, levando o ser humano ao fanatismo, que é, literalmente, como a massa se comporta. Isso acaba gerando uma realidade cada vez mais vazia, esquecendo-se da noção de individualidade, de singularidade ou de existencialidade de cada pessoa.

A abstração é um espírito desencarnado do real. O espírito de abstração é uma doença da inteligência. Por isso é necessário encarnar-se, pois o acesso à abstração está muito facilitado, mas ao concreto exige um esforço gigante. Diante disso, surgiu a necessidade de se comentar sobre a conquista do concreto e o peso ontológico da experiência.

Nesse tópico sobre a conquista do concreto e o peso ontológico da experiência, aborda-se a urgência para que o ser venha a tornar-se o que deve ser e realizar-se em sua plenitude. Visto que sem essa certeza de quem se é, o ser não pode nem disfarçar a sua estabilidade, sempre estando preso às instabilidades da vida.

Por mais que tenha sido um tópico curto, fez-se necessário, inclusive nos dias de hoje, em que as pessoas desejam viver a imitação de outros seres, como a imitação dos famosos "influencers" das redes sociais, os quais vivem uma vida criada e alimentada por "likes". Tendo em vista disso, percebe-se que o reconhecimento de cada ser humano é urgente.

Chegando ao fim do segundo capítulo, aborda-se o conteúdo da encarnação como dado primeiro da metafísica, pois duas coisas são óbvias na filosofia de

Gabriel Marcel: a existência é o seu ponto de partida e o centro de sua investigação é a encarnação como situação do ser que se liga ao corpo.

Em Marcel, o homem é colocado na condição corporal, ou seja, o homem ou o ser do homem é impensável sem o corpo. O que significa dizer que o corpo, na filosofia existencial de Gabriel Marcel, não é algo que o ser humano tem, mas sim o homem é um verdadeiro corpo.

Esse tópico não é uma tentativa de dicotomia entre alma e corpo, pelo contrário, é a valorização do corpo como sendo o eu em situação a se realizar consigo, com o outro e com o transcendente. O homem, mesmo tendo consciência de seus limites, sendo inacabado na direção do ser, quer crescer, progredir, aperfeiçoar, sendo assim que ele sente a satisfação. Essa satisfação passa pela formação, educação, relações que se realizam por experiências e aproximações da junção vital e do espiritual.

Com isso, adentra-se no terceiro e último capítulo dessa dissertação. Denominado experiência e ensino de filosofia, este capítulo trabalha a relação da filosofia na educação, seu ensino, seu lugar, a missão do filósofo e o que se faz urgente retomar para que a filosofia continue ocupando seu espaço.

Tendo em vista a crise educacional que se vive hoje, em que o ser não tem sido o centro da educação, percebe-se, claramente, que as escolas têm privilegiado sites bem elaborados, currículos bem feitos, estrutura externa que cria o falso encanto nos pais, não havendo o foco na própria arte de educar.

Isso afeta diretamente a filosofia, porque o filósofo, estando nesse mundo, tem ficado preso nas burocracias das instituições que fazem-no levar horas e horas com atributos para um professor. Esses itens tornaram-se obrigatórios na organização educacional, restando a ele pouco tempo para o exercício filosófico livre.

Com isso, surge o tópico sobre a situação do filósofo no mundo atual. Infelizmente, ainda vigora para alguns a ideia de que o filósofo é um eremita, alguém desconectado da realidade, que vive no "mundo da lua"; para outros, o filósofo é apenas um repetidor de palavras dos pensadores antigos, e para muitos, o filósofo é um especialista, um profeta que fala coisas que vão acontecer.

Isso mostra o quanto a situação do filósofo no mundo atual precisa ser refletida na perspectiva marceliana. O filósofo deve buscar criar uma filosofia da existência que possa dar sentido humano a si e às relações existentes. Ele deve estar ligado ao mundo e, concomitantemente, não se deixar levar pela proximidade das realidades, pois a proximidade total tem criado e sustentado a massa. Infelizmente, as massas são o humano degradado que não se conhece, não sabe sua origem, nem seu destino final. Nesse sentido, a situação do filósofo precisa ser eficaz, pois, no meio da massa, não cabe falar em educação, mas em adestramento, o qual tornou-se o grande responsável por levar muitas pessoas à fanatização, pensamento que é missão do filósofo combater.

Paralelamente a esse tópico, apresenta-se a missão do professor de filosofia. Esse também precisa ser repensado, tendo em vista o grande educador e filósofo Sócrates que, com sua dialética e abordagem, fazia com que as pessoas encontrassem a verdade.

O professor de filosofia tem a missão de suscitar o eu, ou seja, ele deve ajudar o educando interiormente, na perspectiva de seu ser, a se buscar cada vez mais, apresentando tarefas que o ajudem a se comunicar e a participar das relações existentes. Dessa forma, tem-se em vista que ser idêntico a si próprio, conhecer a si e ser o que se é significa ser coerente, pois o princípio, o centro e o fim - mesmo como essência - é sua existência.

No que toca à missão específica do professor de filosofia, sua preocupação deve ser com o existente, com o homem em situação, em formação do seu ser, numa constante procura da sua essência, como ser concreto e particular. Nesse sentido, o professor tem a missão de inspirar e despertar o educando a fazer.

Não cabe ao professor de filosofia querer ser o primeiro no plano da educação. Isso romperia com a urgência da educação que é tornar o ser livre. O educando deve, sempre, poder escolher o caminho da sua realização, pois a meta do professor de filosofia deve ser formar o homem com dignidade e autenticidade pessoal.

A filosofia, como experiência dramática, deve ser possibilitada, conquistada e apropriada. Para isso, o uso das técnicas com os seus variados recursos, podem



ajudar imensamente o professor de filosofia em sua missão. No entanto, se não conduzem o sujeito ao seu interior, acabam por limitar as condições de possibilidades do conhecimento. Portanto, fez-se necessário refletir sobre esse assunto no último tópico deste trabalho.

Encerrando esta dissertação, abordou-se sobre a relação entre filosofia e tecnologia. Duas áreas que não precisam brigar por seus espaços, até porque cada uma tem um papel importante e único na vida das pessoas, quando cumpre a sua função própria.

Tendo em vista o grande avanço da tecnologia, seria ilógico que um professor de filosofia a negasse. No entanto, Marcel sempre alertou que o progresso da técnica está aliado ao nível do consumo e, cabe ao filósofo, ter coragem de fazer os alunos compreenderem melhor sobre essa idolatria aliada à técnica e à tecnologia tão presentes hoje em dia.

Quando se analisa a tecnologia, precisa-se imaginar o que está por trás dela, pois, quando a técnica cumpre seu papel, ela preenche as lacunas humanas e auxiliam o ser. Entretanto, quando ela reivindica um lugar diferente, acaba por destruir a vida do homem, porque leva o ser humano ao desespero por não ver esperança no seu existir.

Isso é o que Marcel chamou de crise da metafísica, pois, com o avanço da ciência e da tecnologia, é notório que muitas pessoas estão reféns dessa técnica, escravos dela. Na medida que a tecnologia avança, o homem regride, no sentido que ele diminui o esforço reflexivo e se acomoda. Sendo assim, é urgente e necessária uma filosofia que reacenda o amor à vida e que faça com que as pessoas não sejam entregues a essa visão imediatista da existência.

## 2 EXPERIÊNCIA FILOSÓFICA E EXPERIMENTO CIENTÍFICO

Neste capítulo pretende-se abordar a experiência filosófica e o experimento científico. Sendo esse conteúdo de suma importância para conhecer melhor os argumentos de Gabriel Marcel.

### 2.1 POSIÇÃO PRELIMINAR

É inegável que a busca pelo sentido da existência é um fato que se passa desde a experiência filosófica ao experimento científico. Quer queira ou não, toda procura, seja ela filosófica ou científica, é uma busca pelo que dá dinamismo à vida, ou seja, por algo que deseja responder as perguntas que o ser humano faz e anseia, desde que existe.

Os questionamentos pela razão de viver estão sempre presentes na vida da pessoa humana, seja na juventude, na vida adulta e na vida dos familiares envolvidos, cotidianamente, com barreiras físicas, neuropsicológicas e psicopatológicas. Procura-se mais do que nunca um sentido para lutar, resistir e enfrentar, uma razão para continuar vivendo. Essa referência foi o que motivou a pesquisar o sentido da vida com toda essa relação da experiência e ensino de filosofia em um filósofo, que muito escreveu sobre este assunto.

Com certeza, não é só o autor deste trabalho que percebe o quanto, no mundo hodierno, por meio de inúmeros fatores, inclusive a mídia impressa e televisiva, o caos que se vive diante desse cenário de pandemia de incertezas da vida só tem aumentado o número de pessoas, inclusive jovens, que estão tirando a própria vida.

Devido a isso, precisa salientar que existe uma peregrinação do homem para ser. Esse caminho se dá, antes de qualquer coisa, na esperança, fruto de um processo dialético, que não se esquivava da angústia existencial de participar da realidade exigindo uma fidelidade, pois não se pode jamais deixar de acreditar no homem, não é possível não depositar fé no humano. É justamente isso que Marcel

está anunciando em sua época e se faz cada vez mais atual hoje: mesmo diante de todos os problemas e obstáculos, urge restaurar e resgatar a dignidade ontológica do homem.

Dignidade essa que trata sobre a existência e todo existir carrega suas ambiguidades e problemas referentes a ele. Não há como fugir dessa limitação da condição de humanidade própria de cada pessoa. Como dizia Mounier: "As vidas, como existências, são apenas pontos de origem da filosofia, não se constituindo eles mesmos numa filosofia" (1963, p. 198).

Com toda certeza falar em teorias da existência é tocar na teoria do ser e todas as suas características próprias, buscando sempre a autenticidade e não a inautenticidade, pois quando se procura pela teoria do ser, deseja-se alcançar e salvar a verdade do ser e tudo que ela tem em si.

Neste estudo procura-se pelo compromisso assumido de buscar livre e responsabilmente, até porque como dizia Marcel, "todo compromisso é uma resposta, e não há compromisso totalmente gratuito, em virtude de certa presença do ser em nós" (MARCEL, 1969, p. 58). Por isso, "é dessa resposta comprometida que jorra a fonte da nossa liberdade, uma liberdade que opta por existir não como fruto de qualquer acaso, mas sim como resultado do esforço e da criação pessoal" (PEREIRA, 1997, p. 47).

Diante dessa realidade que se busca, entra em cena também a perspectiva da liberdade, e é fato que se deve dar destaque, pois nela está o caráter de exclusividade do homem, o que difere dos outros animais irracionais, e a vitória encaminhada a essência do ser.

Como se sabe, a liberdade é uma conquista humana que o ser humano precisa lutar diariamente para conseguir, ela vem do autoconhecimento ou do "auto-descobrimto, que já é um filosofar, que traz implícita a consciência de responsabilidade e revela o caráter temporal da vida" (LARROYO, 1970, p. 871).

Por isso, não se pode esquecer que "a liberdade é sempre uma possibilidade do acontecimento para a essência" (MARCEL, 1953, p. 157). Como dizia Becker: "é uma liberdade de chegar a ser, de progredir, vivida como liberdade em situação" (2007, p. 79).

Dito isso, é urgente a educação ou até a reeducação de todo esse processo de liberdade, autoconhecimento e conseqüentemente restauração de valores. Pois, não se pode negar o quanto houve um favorecimento à servidão e resistência à liberdade, diante dos sistemas e regimes opressores.

Reeducar se faz cada vez mais preciso e urgente, pois, como dizia Marcel, “definir os caracteres gerais da reforma interior e espiritual é a única forma de preparar o advento de tal regime, que consiste na restauração dos valores” (MARCEL, 1951, p. 33).

Valores esses que precisam de um discernimento para serem alcançados e quando se tem a liberdade impedida ou abafada é porque há uma incapacidade de discernir os valores. Sendo assim, a reeducação também precisa passar pela restauração do impacto da moral e do entendimento da transcendência. “A ausência do discernimento e do sentimento de valor da liberdade leva à fuga da responsabilidade” (BECKER, 2007, p. 80-81).

O que não se pode esquecer que este trabalho é algo pessoal, próprio de cada pessoa. É uma inquietude, fruto de uma reflexão que não vem da passividade e que atinge a subjetividade do ser. Segundo Marcel, a “reflexão se exerce unicamente a propósito do que vale a pena...trata-se de um ato pessoal; nenhuma outra pessoa pode estar em meu lugar...articula-se como algo vivido, e é muito importante conhecer a natureza dessa articulação” (MARCEL, 1953, p. 83). E como se sabe, não é algo que se conquista, como alguns pensam conquistar uma medalha.

A pedagogia descobre e propõe meios que favoreçam o avanço do indivíduo para a liberdade, inserindo o educando numa atitude libertadora progressiva na busca do ser. O educando almeja alcançar continuamente novos tipos de liberdade, não no sentido meramente quantitativo, mas na superação das amarras que impossibilitam sua liberdade, na realização do almejo do ser. Sua busca da liberdade é constante e paulatina, com consciência de libertação, na medida em que cresce no ser (BECKER, 2007, p. 82).

Para Marcel, essa inquietude humana em ser - que é tão perceptível nas pessoas - é tão forte que o faz, sabendo da sua incompletude e consciência de inacabado, buscar a transcendência, pois existe o desejo do homem em ser mais e mais, nunca se conformando com o que ele é.

Essa busca pela transcendência também se dá pelo fato que o outro não é o fim do eu, mas, pelo contrário, é agregamento em minha existência. Na transcendência da morte existe um tu divino, chamado de Deus. Para o qual “a fé elimina as distâncias, alcançando a segurança como afirmação do ser” (STEFANELLO, 1976, p. 95).

Desse modo, tratando-se de uma filosofia que toca à liberdade e transcendência, entende-se o porquê de Marcel ser considerado um neossocrático. "Ser socrático é ser fiel ao humano, em detrimento mesmo das ideias, se isso for preciso" (GOMES, 2007, p. 14). Já segundo Heinemann, "Marcel, apesar de dizer não a rótulos filosóficos, aos ismos, continua sendo um autor cristão" (1956, p. 172-173).

Marcel se converte, reconhece e professa sua religião cristã. Assim como a sua filosofia pensava a liberdade do homem na visão de inacabado, sujeito às efemeridades da vida e passageiro, o que a fazia ser contrária ao perfeccionismo e monopólio da técnica que destroem o homem em ser um ente. Essa filosofia também é a neossocrática ou do socratismo cristão, totalmente averso ao racionalismo.

Nisso, portanto, se encontra a contribuição original do pensador francês: o pensamento ocidental, de certa maneira, não foi capaz de realizar esse salto para aquilo que nomeou “metaproblemático”, quer dizer, para o âmbito de uma experiência genuinamente mais abrangente, fecunda, inesgotável e, por isso mesmo, misteriosa, permanecendo restrita a uma abordagem pura e simples da realidade (AZEVEDO, 2019, p. 66).

O que fica bem nítido quando se adentra ao mundo de Gabriel Marcel é que ele visa dar resposta a uma fundamental “inquietação metafísica e exigência ontológica magnetizada pela transcendência” (BEATO, 2016, p. 120). Ou seja, ele procura uma filosofia concreta, do aqui e agora, que encontre uma experiência humana de imersão na inteireza do ser humano, totalmente contrário ao neoidealismo.

Em Marcel, pensar a existência é realidade necessária para a vida. Como se sabe: "Problematizar a existência, pensar a existência, existir é um acontecimento

do aqui e agora que o ser-no-mundo do homem, sua finitude intransponível e sua contingência irreversível tem perante si" (RAMOS, 2020, p. 277).

Nesse sentido de existência como acontecimento, Marcel traz uma nova roupagem sobre a liberdade e a metafísica como ênfase ao pertencimento, até porque, para ele, é preciso entrar nessa dinâmica como missão de responder ao chamado do Outro numa nova radical perspectiva da vida, onde o valor está literalmente na inteireza do ser. "Sua intenção primordial não é outra que elaborar uma "Filosofia do Mistério" e da transcendência, sem cair no abismo do romantismo voluntarista ou no subjetivismo psicologista" (AZEVEDO, 2019, p. 63).

Sendo assim, Marcel se destaca por ser um filósofo muito diferente do que estava acostumado a ter, inclusive nas formas de escrever. Por buscar essa resposta fundamental que o filósofo francês trabalha com a produção dramática ou teatral, algo bem próprio de seu trabalho filosófico, pois ele muda a forma "tradicional de pensar a filosofia, na esteira de Kierkegaard, Nietzsche, Heidegger e dos filósofos franceses de sua época, apresentando, na sua produção filosófica e dramática, como a filosofia acontece existencialmente" (ARAÚJO SILVA e CAMINHA, 2019, p. 171), para que o ser humano não seja só um espectador, mas se encarne na cena, e consiga passar da teorização para apropriação do conteúdo que quer ser transmitido. Isso se observa claramente quando Marcel, certa vez, esclareceu em uma carta dirigida a Roger Garaudy o que o teatro representava:

O teatro apresenta-se em primeiro lugar, em mim, como instrumento de prospecção, exercendo-se fora de todo pressuposto ideológico, mas intervém também como corretivo ao que toda síntese filosófica tem de inevitavelmente parcial. [...] aos meus olhos, a obra dramática só manifesta um verdadeiro alcance se for capaz de, uma vez o pano caído, viver intensamente no espectador, para agitá-lo e, de certo modo, para elevá-lo acima dele mesmo (GARAUDY, 1965, p. 154-155).

Com o teatro e a filosofia da existência, Gabriel decide recuperar o conceito do conhecimento concreto e genuíno, mais do que tentar mostrar que a razão ou o racionalismo não são a chave do sucesso do ser humano. "Este filósofo reconhece que o conhecimento depende de um modo de participação do qual uma epistemologia, qualquer que seja, não poderá dar conta, porque ela mesma o pressupõe" (PRINI, 1955, p. 73-74).

Assim, visando dar resposta a essa inquietação metafísica e exigência ontológica, a reflexão feita por Marcel e suscitada em todo este trabalho tem como objetivo procurar a filosofia concreta, livre dos inúmeros ismos encontrados na história da filosofia e assumindo unicamente a integralidade da experiência humana, algo que parece ser imensamente necessário para se entender melhor a experiência e o ensino da filosofia. Desse modo, afirma Silva:

O melhor equacionamento frente a esse estado de questão que se tornara uma espécie de *via crucis* da metafísica não é outro senão o de restituir à filosofia a sua mais autêntica função primordial. Um primeiro passo nessa direção exige uma nova distinção conceitual, a distinção entre “problema” e “mistério” (2018, p. 191).

## 2.2 PROBLEMA E MISTÉRIO

Quando se fala da perspectiva de Marcel é preciso trazer à reflexão a dimensão da dialética do problema e mistério, pois era seu desejo distinguir o homem da existência real, livre e responsável por sua existência do homem alienado que é aquele reduzido pela técnica e instrumentalizado pela mesma.

Aportemos, primeiro, sobre o primeiro conceito, a noção de problema. Não deixa de ser instrutivo observar que, etimologicamente, o termo “problema” deriva da raiz grega de (πρόβλημα) *probállein*, o que sugere, mais precisamente, “atirar para frente”. A formação da palavra retoma o prefixo *pro*, com sentido “à frente ou diante (algo exterior a mim)”, acrescido de *ballein*, que significa “atirar, lançar”. O significado aí presente é o de que haveria sempre algo posto adiante com o qual se esbarra, estorva, isto é, um objeto com que se depara. Nesse contexto de princípio, parece patente o quanto a noção de “problema” se liga a de “objeto”. Este último figura como um obstáculo a ser, a qualquer custo, retirado do caminho ou, o quanto antes, eliminado. Não há, portanto, outra saída: para cada problema, uma solução[...]. Por isso, ao transpor essa justaposição inferencial para o domínio da experimentação científica, Marcel observa que o “problema” se define por aquilo que interdita objetivamente uma dada investigação, quer dizer, se caracteriza pelo que mais imediatamente se pode romper num dado percurso da pesquisa (SILVA, 2018, p. 191-192).

O problema, para Marcel, faz relação com a reflexão primeira, ou seja, tudo que está frente ao ser, sendo o homem de fora que entra em exercício, em que tudo está no seu domínio para solucionar o problema, no desejo de achar a solução

predefinida por uma técnica. É bom perceber que no âmbito do problema, ao passo que se assume a técnica própria, tudo encontra solução, tudo é solúvel.

O que caracteriza um Problema (*problème*) é quando ele se posta diante de mim, *devant moi*, como um *positum*. Algo se encontra aí, e, justo por isso, eu, por assim dizer, nele tropeço, podendo, por isso, objetivá-lo, circunscrevê-lo em uma fórmula, definição. Todo ente, todo objeto passível de ser conhecido é objeto de uma determinada ciência. Tudo isto, quer dizer, todo ente intra-mundano, todos os entes, objetos do mundo em sua totalidade, assim como o modo científico de explicá-los é do âmbito do Problema (ARAÚJO SILVA e CAMINHA, 2019, p. 177).

Em contrapartida, a realidade do mistério diz respeito à segunda reflexão, ou seja, na busca engajada pelo seu ser, o homem identifica-se como ser inacabado e encarnado. É justamente a percepção de que a realidade não está só à minha frente, mas em mim, pois sou envolvido por ela. Nesse sentido, é a superação entre o sujeito e o objeto.

Mistério é do âmbito ou campo de tudo aquilo, de todo algo ou coisa, que, na verdade, não tem a natureza de algo e coisa nenhuma, mas de Ser. Mas Ser, aqui, deve ser entendido não como Espírito Puro, desencarnado, mas como o âmbito ou ação em que eu me encontro imerso, engajado, transbordando o aqui e o ali, dilacerando toda imagem espacial. Não é um algo ou coisa diante de mim, mas em mim (ARAÚJO SILVA e CAMINHA, 2019, p. 177).

Infelizmente a palavra mistério, hoje, tem ganhado apenas conotação religiosa e, por isso, num mundo marcado pela indiferença religiosa e crença no cientificismo, há uma grande resistência a desenvolver uma reflexão melhor sobre o que o mistério significa.

A noção de mistério, também originária do grego (μυστήριον) *mystérion*, indica, por princípio, a guarda de um segredo. Derivada de *mystes* (que era a pessoa iniciada no rito ou doutrina secreta), a palavra se vincula ao verbo *myein* (fechar) que, metaforicamente, aventa a ideia de que o iniciado fecharia os olhos e a boca para não ver nem revelar os segredos a si confiados. Ora, Marcel reconfigura criticamente tal acepção, removendo toda interpretação mística ou ocultista. Trata-se, numa segunda versão semântica, de reconhecer o mistério não como “segredo” mantido a sete chaves, mas, sim, como um nível de experiência que, embora indemonstrável, não deixa se tornar compreensível, palpável, envolvente, concreta. Por meio dessa ressignificação é que o “mistério” transcende o “problema”. Diversamente de uma mera relação abstrata na qual se toma distância do objeto estudado, o mistério revela o que mais intimamente está “em mim”: é o que me implica com ele e nele. Por isso, não há como enunciar essa ordem de vivência sem remetê-la a uma atitude profunda de engajamento. Ora, se o labor científico é



regido pela atitude de curiosidade, a experiência do mistério se move pela atitude de inquietude. Nesse sentido, rigorosamente, o filósofo não é um pesquisador “curioso”, mas “inquieto” (SILVA, 2018, p. 192-193).

Diante das definições supracitadas, basta olhar para a sociedade e perceber que há uma redução do mistério ao problema. Essa realidade de tratar tudo como coisa, seja a morada do divino, seja o próprio espaço cosmológico só leva o ser a uma coisificação dele mesmo, por isso é um ambiente propício para a técnica. "Esse mundo-coisa é já destruição, matriz do terror e do desespero" (TEIXEIRA, 1978, p. 61).

Lamentavelmente, esse pensamento coisificado, que só tende a limitar o ser humano tem sido o pensamento hodierno. O ser humano é visto como uma peça, ou seja, utilidade, que tem suas funções próprias a ser executadas, como se fosse um sistema de produção. E assim, "na perspectiva do problema, o homem se encontra alienado, incapaz de responder quem é? E por que vive? Que sentido tem a realidade ao seu redor?" (MARCEL, 1956, p. 12). Ou ainda, como perguntava Marcel, "O que pode o homem? Não há outra resposta, nos tempos atuais, senão a de que o homem pode o que pode sua técnica" (1949, p. 72).

Precisa-se valorizar a técnica, embora "devamos ao mesmo tempo reconhecer que essa técnica se revela incapaz de salvá-lo a si próprio" (MARCEL, 1949, p. 72). Nesse sentido apresenta-se no homem hoje, "um espírito que permanece prisioneiro da objetividade" (MARCEL, 1949, p. 71). Como dizia Silva:

é um espírito abstratamente técnico. Em tais condições, não há outra perspectiva possível senão a de avançar para um nível de questionamento, aquém e além do problematizável, isto é, o que implica uma maior abertura a um domínio que seja, enfim, metatécnico (SILVA, 2018, p. 197-198).

O homem assim, não parece mais ser uma realidade viva. "É como um número numa ficha, dentro de um envelope que tem uma infinidade de fichas, cada uma com seu número" (MARCEL, 1956, p. 12-15). Uma prova disso são as próprias redes sociais. Nelas, praticamente, não existem pessoas, mas apenas números de seguidores.

Fato é que para um problema ser resolvido se precisa de uma técnica. Marcel já dizia: "Um problema autêntico pode se resolver com uma técnica apropriada em

função da qual se define" (MARCEL, 1953, p. 191). Isso afirma que o desejo do trabalho não é diminuir o uso das técnicas das áreas do conhecimento, mas colocá-las no seu lugar.

A questão levantada nesse momento de reflexão do problema ligado a técnica é a de saber até quando o homem está livre, pois "o problema é algo que se encontra e obstaculiza o caminho" (MARCEL, 1969, p. 124), que é lugar de realização do ser.

Sendo assim, é notório que há um vazio no ser humano que vem sendo preenchido pelo consumismo, por ideologias e por religiões que não ajudam o homem a viver sua autenticidade, mas reduzem-no à busca de satisfazer seus desejos.

Realidades essas que não ajudam o ser humano a ser livre, mas preso. "É alguma coisa contra a qual o espírito vem tropeçar, da mesma maneira que o pé bate numa pedra" (MARCEL, 1935, p. 147). Nesse sentido, "o uso técnico implica sempre um fechamento; a solução nada mais é que uma liquidação do problema" (SILVA, 2018, p. 192).

Quando se trata desse assunto, precisa-se levar em conta que a vida não é um problema e por isso não tem solução. Assim, percebe-se, em Marcel, que investigar a oposição entre os pensamentos objetivados, abstratos e o existencial são possibilitados pelos problemas e mistérios.

Em face a essa realidade, "a perspectiva objetivada do homem, com soluções técnicas, é a ordem do problema. A perspectiva existencial a partir do ser encarnado, como homem no mundo, constituindo-se pela experiência, é referida como a ordem do mistério" (BECKER, 2007, p. 51).

O problema implica uma solução e isso é regido pela imanência. Já o mistério é regido pela transcendência. Isso só mostra que "aquele que o invoca, participa de um mistério central" (MARCEL, 1927, p. 45), uma "experiência indivisível" (MARCEL, 1927, p. 301). Realidade "como aquilo que transcende a imanência do pensamento de modo que ela não pode pretender reabsorver" (MARCEL, 1935, p. 49).

Nesse contexto, Marcel tem um único objetivo: recuperar o interior, que é o recolhimento. Ou seja, “é a alma que interessa a Gabriel Marcel, quer dizer, o elán liberador mais que o poder de liberdade, a inspiração íntima de ser em mim, mais que meu poder de exílio e desafio” (RICCEUR, 1947, p. 43).

O mistério é a superação da distância entre sujeito e objeto, na impossibilidade do homem se exteriorizar ao que o envolve. "O mistério é algo que me encontro envolto ou comprometido (*engagé*)" (MARÍAS, 2004, p. 488). A realidade, pois, “não está somente à minha vista, está em mim” (MARCEL, 1951, p. 81).

Enquanto o mundo do problemático está diante de mim, o mistério é alguma coisa na qual o ser humano se engaja. Diz ele: "não engajado parcialmente por algum aspecto determinado e especializado de mim-mesmo, mas, ao contrário, enquanto eu realizo, inteiramente, uma unidade que, inclusive, por definição, jamais pode apreender-se a si própria" (MARCEL, 1991, p. 62). Por isso, "dizer o mistério não é conceitualizá-lo, mas aproximarmo-nos dele e, a partir dele, plenificarmos o nosso próprio ser" (AZEVEDO, 2019, p. 67).

O mistério de mais alto grau é o mistério do ser. O ser não é um objeto em sentido clássico. É necessária uma aproximação de conduta fiel ao ser. Como retrata Carmona: "a tarefa consiste em [...] circundar o mistério mediante sucessivas aproximações" (1988, p. 159).

Essa aproximação é necessária porque "há no ser, um além de todo dado um princípio misterioso que está em convivência comigo" (MARCEL, 1949, p. 68). Por isso, se "não há, em rigor, problema ou problemática do ser" (MARCEL, 1935, p. 147), é porque “é próprio do mistério ser reconhecido; a reflexão metafísica supõe este reconhecimento que não é de sua incumbência” (MARCEL, 1935, p. 145).

Como se sabe, "o mistério se estende além dos dados e números objetivos, embora não os ignore, os envolve de espírito" (BECKER, 2007, p. 54). O que o “mistério ontológico se interroga é sobre a totalidade do ser e sobre eu mesmo como totalidade” (MARCEL, 1949, p. 55).

Parece-me, efetivamente, que entre um problema e um mistério existe essa diferença essencial: um problema é alguma coisa com o qual eu me encontro; algo que está inteiramente diante de mim, mas

que eu posso por ele mesmo identificar e reduzir. Por outro lado, um mistério é alguma coisa em que eu mesmo estou engajado e que, conseqüentemente, é pensável como uma esfera onde a distinção do que está em mim e do que se encontra diante de mim perde a sua significação e o seu valor inicial. Enquanto um problema autêntico é justificável por certa técnica apropriada em função da qual ele se define; um mistério, por definição, transcende toda técnica concebível. Sem dúvida, sempre é possível (lógica e psicologicamente) degradar um mistério a fim de torná-lo um problema. Ora, isso, no entanto, é um procedimento fundamentalmente vicioso do qual as suas origens talvez devessem ser buscadas numa espécie de corrupção da inteligência. O que os filósofos têm chamado o problema do mal nos fornece um exemplo particularmente instrutivo dessa degradação (MARCEL, 1935, p. 169-170).

Esta relação entre problema e mistério se faz interessante refletir, tendo em vista que o papel da filosofia não é outro, se não se abrir e adentrar nesses pormenores e identificar o melhor caminho para que o ser humano possa trilhar sua história. "A filosofia do mistério de Marcel é uma filosofia do enraizamento e de todas as conseqüências da condição encarnada, do ser encarnado de onde se deflui as profundezas do ser, a mediação e conciliação interior" (RAMOS, 2020, p. 290).

Essa é a filosofia que encanta os seus leitores: "Envolta em enigmas, a filosofia é esse espírito interrogativo para além da mera e redutível objetividade. Ela envolve sempre um gesto de abertura, de não fechamento ou de uma não definição conclusiva ou exaustiva" (SILVA, 2018, p. 193). Como bem expressa Gilson: "inteiramente pessoal e nova em seu espírito, a filosofia de Gabriel Marcel parece tender espontaneamente em direção de uma metafísica do ato de existir sem, todavia, poder alcançá-la" (1949, p. 7).

Nessa direção, no mundo moderno espera do filósofo uma postura de comprometimento com a vida, no sentido de trazer luz aos problemas do ser. "Em certos momentos, sofre alguma cobrança pública no sentido de indicar caminhos, abrir rotas, fornecer soluções" (MARCEL, 1923, p. 202).

Lógico que, hoje, pode se perguntar por filosofias que ajudem ou não a humanidade, tendo em vista que existem dois tipos de filosofia na história, descreve Nédoncelle: "as que começam por eliminar o mistério e as que se estabelecem nele" (1945, p. 19).

Esse exposto, já basta para mostrar a força do mistério e a necessidade do mesmo, e por si só, esclarece porque "o mistério tampouco pode ser um segredo" (MARCEL, 1935, p. 210). Ora, o mistério é o que deflagra a "ineficácia última das técnicas" (MARCEL, 1949, p. 72), até porque "os mistérios não são verdades que nos ultrapassam, mas verdades que nos compreendem" (R. P. JOUVE apud MARCEL, 1935, p. 205).

Dessa forma, é preciso resgatar o sentido de desassossego próprio da vida humana. Nunca o homem está 100% satisfeito por ela, isso é a prova de que tudo está no seu mais absoluto normal da existência. Por isso, Nietzsche afirmava o fato de "não querer negar ao mundo seu caráter inquietante e enigmático" (1996, p. 17). Ou, ainda, nos termos de Wittgenstein: "sentimos que, mesmo que todos os problemas científicos possíveis tenham obtido resposta, nossas questões acerca da vida não tenham sido sequer tocadas" (WITTGENSTEIN, 1994, §6.52, p. 279). Essa redução do mistério ao problema que foi tratada neste tópico é fruto dessa preocupação exagerada pelo ter que gera um esvaziamento do eu, infelizmente gerando uma atitude ideológica e alienante.

### 2.3 SER E TER

Ser e ter são dois assuntos bastante trabalhados pelo filósofo francês, Gabriel Marcel. Sempre que se pensa, aborda esse assunto e essa distinção é necessário levar em consideração que a discussão por trás é sobre o que se tem e o que se é.

Na história da humanidade, são muitas as reflexões sobre esse conteúdo. No período Medieval, por exemplo, imaginava-se o ser na visão essencialista, já no idealismo alemão se analisava o ser como imutável e infinito. Em Marcel, o ser é visto na perspectiva da historicidade da finitude.

Sua filosofia, então, pode ser vista como um pensamento a caminho, como uma proposta de "filosofia concreta", onde o transcendente aparece no centro de nossas experiências humanas, onde a descoberta de nossa situação como seres encarnados nos leva a uma participação no próprio ser. Esta aposta marceliana se traduz na recusa onde há um mundo em que o "ter" prevalece sobre o "ser", uma existência em que a aparência prevalece sobre a realidade, uma

cultura que instaura o excesso de racionalidade e objetividade. (AZEVEDO, 2010, p. 108).

Dado o exposto, é essa análise da existência, como diz Zilles, "que constitui a força motriz do pensamento marceliano" (1988, p. 13). Dentro dessa esteira de existencialistas, Kierkegaard distingue os três estados da vida: o estético, o ético e o religioso ou do espírito elevado, e coloca no religioso a existência autêntica. Já Marcel coloca tudo na distinção entre o ter e o ser.

No *Jornal Metaphysique*, na data de 16 de março de 1923, afirma que: "no fundo tudo se resume na distinção entre o que se tem (tendo) e o que se é (sendo)" (MARCEL, 1935, p. 301). "O ser e o ter compreendem-se como sentimentos e ações que compõem o sentido da existência" (BECKER, 2007, p. 34). Portanto, Kierkegaard e Marcel têm em comum o fato de que a razão humana e a sociedade fazem o homem ser reduzido ao ter.

No horizonte do ter, o existente encontra-se no plano da objetividade, da técnica, situação de alienado, possuído pela angústia e pelo desespero. É o homem reduzido ou submetido aos objetos. Quanto mais tem, mais quer, sem consistência existencial. Daí a insegurança, o desamparo e a angústia. O horizonte do ser é o da subjetividade, intimidades pessoais, quase que totalmente indizíveis. É aí que acontece o encontro do homem consigo mesmo. É nessa situação que o homem vive sua existência, na realização de suas potencialidades (BECKER, 2007, p. 34).

Dentro dessa reflexão do ser, infelizmente entrou na história moderna uma ideia que o termo ontologia não é satisfatório, que não se pode falar nada sobre o ser e, por isso, a única coisa que se pode discorrer é sobre o que o ser não é. É perceptível e não se pode negar que as grandes noções metafísicas reduzem muito o conteúdo do ser.

A noção de Ser se revela como uma mera expressão petrificada e morta de um pensamento que não tem podido levantar-se até o verdadeiro concreto [...]. Por força dessa famigerada condição é que a "morte da metafísica" tornou-se um tema inquietante, na medida em que cessara de despertar o apetite vital do real, ao se contentar, apenas, em discorrer sobre ele. A oportuna pergunta posta por Tesuka a Heidegger reflete bem o crucial quadro aqui diagnosticado: "Por que então o senhor não abandona logo a palavra 'ser' e não a deixa exclusivamente para uso da metafísica? Por que não deu outro nome ao que o senhor procurava como 'o sentido do ser', seguindo o caminho da essência do tempo? [...]. Ao que Heidegger responde: "Como se pode dar um nome específico ao que ainda se procura? Todo achar e encontrar repousa no apelo da linguagem". Ora, o

nominalismo é, sem dúvida, um recurso louvável, mas, por fim, insuficiente. É que a linguagem malogra sempre ao “abrir pistas” incorrendo em certo “desvio” fundamental. Se admitirmos que a tarefa metafísica seja um exercício de permanente busca, é porque ela se encontra enredada na “raiz misteriosa da linguagem” (SILVA, 2015, p. 347).

A busca incessante pelo ser, mostra que Marcel é contrário ao racionalismo. Na sua reflexão primeira, ele se refere à degradação do ser, que se estabelece na perspectiva do problema e do ter que geram grandes tragédias como alienação, massificação e perda de referencial existencial para a sistematização do existencial e para a técnica. Já na sua reflexão segunda, ele trata de revelar e restaurar o seu degradado, tendo em vista que essa reflexão segunda considera recuperadora do mistério e do ser. Para Marcel, é essa tensão que faz uma filosofia ser concreta.

Não pode existir uma filosofia concreta sem uma tensão continuamente renovada e propriamente criadora entre o Eu e as profundezas do Ser no qual e pelo qual nós somos ou, ainda, sem uma reflexão também estrita e tão rigorosa quanto possível exercendo-se sobre a experiência mais intensamente vivida” (MARCEL, 1999, p. 98).

Em Marcel, para se ter filosofia e filosofar, é preciso investigar, arriscar, buscar e reconhecer seus limites. Assim, "investigar é, para ele, o termo que mais adequadamente designa a marcha essencial da filosofia" (MARCEL, 1951, p. 130). Filosofar é um ato de arriscar, visando alterar o caráter de suas verdades. O filósofo “em primeiro momento deve reconhecer os seus limites e ver em que domínios a sua incompetência é absoluta” (MARCEL, 1953, p. 14). Nesse sentido, "filosofar define-se como uma constante busca do ser, na fragilidade do pensar e na efemeridade da realidade, seguindo os caminhos por onde o ser se revela" (BECKER, 2007, p. 41).

Na própria infância, com suas experiências e meditações, a situação e participação já começam a se distinguir, pois "o homem reconhece que ele é mais do que sua ficha, sua função, os gestos manifestos, sua riqueza e seu nome" (MARCEL, 1953, p. 160-163).

A identidade nunca pode esgotar o ser como pessoa individual e concreta. A identidade é algo que o ser humano porta, faz com que ele se entenda e veja que ele é muito mais. Ela é uma declaração de uma relação com os outros. No entanto, o

ser humano é "uma individualidade, inigualável e incomparável, enquanto sujeito existencial encarnado, uma unidade de um todo" (MARCEL, 1969, p. 200-206).

Em virtude dos fatos mencionados, ao passo que o ser humano vai vivendo, crescendo e amadurecendo, ele vai se deparando com as questões próprias da existência: quem eu sou? de onde vim? para onde vou? o que é a felicidade? o que é a morte? o que é vida?... No entanto, Gabriel Marcel vai mais a fundo e mostra que as perguntas que surgem são estas: "Quem sou eu que se interroga sobre o Ser? Se eu mesmo não sou, como posso esperar vê-la chegar a bom termo? E, mesmo admitindo que eu seja, como assegurar-me do que sou?" (MARCEL, 1949, p. 54). E não só isso, mas:

Existe o ser? que é o ser? etc., cheguei a observar que não posso me pôr a refletir sobre estes problemas sem ver que se abre um novo abismo: eu que me ponho a investigar o ser, posso estar seguro que eu sou? Que credenciais tenho para proceder com tal investigação? Se eu não sou, como posso esperar conclusões? (MARCEL, 1969, p. 212).

Diante dessas inquietações humanas-filosóficas, é possível notar que, em Marcel, "relacionar e identificar o ser com o existir é muito mais importante do que simplesmente definir ser com a existência, o ser é o que tem o existir" (MARCEL, 1953, p. 218-19).

Vale ressaltar que o ser é sempre a potência, ou seja, o poder da existência, já o ter está no ser humano. Por isso, sob a ótica do fim, na procura incessante do ser, o ter é sempre um obstáculo para a realização plena da existência humana. No entanto, sob a ótica do meio, os dois, tanto o ser como o ter são apenas formas de compreender as coisas, seja o outro, seja o absoluto.

Diferentemente a isso, encontra-se o cogito cartesiano que degrada o ser quando o eu fica na condição de espectador da realidade. Marcel denuncia isso, pois nesse pensamento que afasta a existência do ser, o próprio ser começa a ser degradado com tentativas de defini-lo, quantificá-lo, limitá-lo, ou seja, reduzi-lo nesse sistema filosófico que massifica-o na individualidade e subjetividade de cada ser.

Na categoria do ter, a existência é "devorada" pelos objetos, o ter conduz ao desespero e à falta de sentido. O ter é aquilo que é objetivável, exponível a outros, é a exteriorização do ser, o seu fazer-se espetáculo; ele é o "coisificar-se" do ser, o seu vir para fora,



o seu epifanizar-se, fragmentar-se, mumificar-se. O ter, acentuando a si mesmo, anula o ser; mas, tornando-se instrumento, subirá ao plano do ser. Assim, é preciso, nos tempos atuais, redimensionar a existência, tornando-a disponível ao ser (AZEVEDO, 2010, p. 111).

Na esfera do ter, o que se observa com predominância são as relações objetivas, em que a preocupação está em satisfazer o sujeito possuidor, sempre na pertença e capacidade de manipulação. Por isso, essa problematização é uma das grandes causas da degradação do ser, sempre quando é visto à distância e na tentativa de resolver sua existência pela técnica.

Quando se refere ao ter, projeta-se imediatamente o problemático. “A ordem do ter se confunde com o problemático e também com aquilo que pela técnica é possível. Toda técnica supõe um conjunto de abstrações prévias que a condicionam à impotência para tratar do ser em sua totalidade” (MARCEL, 1969, p. 214).

Quando se refere ao ser é diferente. Pode-se, inclusive, fazer uma analogia com o horizonte. Quando se fixa o olhar sobre um horizonte, o ser humano pode caminhar, lutar para chegar ao horizonte, tendo em vista o seu passado, o seu presente e o seu futuro, ele percorre, mesmo sabendo que o horizonte é inalcançável. Assim também acontece na tentativa de alcançar o ser. Por isso, o ser é algo compreensível, ainda que falte muito a compreender ou revelar. O ser é o que percorreu, o que está percorrendo e o que ainda almeja alcançar.

A existência é um peregrinar. Um movimento orientado por um propósito, de tal modo que a todo momento, há uma comunhão entre movimento e propósito. Não se pode recorrer ao suplemento da tecnologia ou à análise da razão para prever ou amenizar a incerteza desse movimento, porque esse recurso seria uma trapaça, uma inautenticidade, uma traição definitiva ao humano. O propósito se converteria em certeza, a certeza faria da peregrinação um plano, o plano solicitaria o recurso facilitador da técnica e eis o peregrino aprisionado (GOMES, 2007, p. 14).

Para Marcel, "ser é estar a caminho" (MARCEL, 1963, p. 10). Por isso o homem é alguém que percorre uma estrada em vista de se transformar em ser. O sentido e a fé deste peregrinar são sempre que ao final algo foi acrescentado ao ser. Como se sabe, ao ser escapa a presunção apofântica, ele escapa ao sujeito, justamente porque resiste ser objeto. Só é possível conhecer o ser por meio da experiência real do concreto.

A grande dificuldade de entendimento do ser hoje é porque o ser não se reduz a um sistema, nem mesmo filosófico, não se enquadra em mentalidade objetiva, muito menos na estrutura técnica. O ser é encarnado, por isso muito mais do que quantificar o ser, é preciso vê-lo como qualidade e não como abstrato ou anônimo.

A revelação do ser, ou o acesso a sua revelação, constitui um grande desafio para a contemporaneidade. Marcado pela lógica do problema, pelo espírito técnico e pelas alienações, o homem está impossibilitado ou se encontra em situação incapaz de acolher ao que ainda não é plenamente revelado. As buscas e soluções técnicas o determinam na esfera do problema e no âmbito do ter. Cabe à educação capacitar e formar o homem para a assimilação e interiorização do ser, em nível de interioridade, quer dizer, em desenvolvimento criador. [...] Quem vive realmente não é só quem tem gosto pela vida, mas sim quem contribui a espalhá-la, como aticá-la ao seu redor (MARCEL, 1953, p. 132).

O pensamento tecnicista coloca em todo ser humano a ideia de posse das coisas. No entanto, esse pressuposto de posse leva a ideia acabada, enquadrando-se tudo ao problema. E nesta ilusão de possuir os bens, o homem passa a ser possuído pelos próprios bens. "Nessa ordem do ter, o eu se carrega de poder pela posse, com o corpo em sentido objetivo, autocêntrico" (MARCEL, 1969, p. 208).

O filósofo francês é muito claro quando afirma: "Nossas posses nos devoram. Isto curiosamente é tanto verdadeiro quanto mais inertes formos face aos objetos, que são inertes" (MARCEL, 1935, p. 241). E, nesse sentido, "enquanto permanecemos no horizonte do puro ter, encontramos-nos na esfera do problema, do externo, das coisas, ao passo que, no interior, encontramos um vazio, que quer ser preenchido. Permito-me chamá-lo, vazio do ser" (BECKER, 2007, p. 56-57).

Esse vazio pode ser amenizado se houver uma melhora com relação ao mundo da técnica. O pensamento não tecnicista deve ser uma realidade de abertura, dialética e discussão, como quem está comprometido com as relações com os outros, até porque o outro é um fato extremamente importante na construção do ser individual de cada pessoa.

O ser humano precisa se espelhar no outro, reconhecer que nasceu para viver em comunidade, perceber-se integrado pelo outro, sentir o seu valor na medida

que se sente amado pelo outro, até porque o amor cria essa permeabilidade mútua e isso faz com que o outro desperte o sujeito para ser ele mesmo. Até porque “a consciência heterocêntrica do ser, no horizonte do mistério, fora da esfera do problema e do ter, conduz o homem a compreender a si mesmo a partir dos outros, ou pela experiência de seu valor na medida em que é amado” (STEFANELLO, 1976, p. 60).

Por fim, a única coisa que o ser humano deve realmente querer possuir é a certeza que ele é um andarilho, um peregrino e tem um itinerário de ser, pois “o caminho é que é a verdade, ou seja a verdade não existe senão no futuro, no processo de apropriação e, assim sendo, não pode ser resultado” (MARCEL apud MOUNIER, 1963, p. 198). Desse modo, “o ser, em Marcel, tem sentido de verbo – a existência está sendo – ou o sentimento de que sou em situação” (MARCEL, 1969, p. 194), ser este “não no sentido de substantivo, mas algo que participo, me envolvo, co-existindo em mim” (BECKER, 2007, p. 74).

## 2.4 ESPÍRITO DE CURIOSIDADE E ESPÍRITO DE INQUIETUDE

A verdadeira filosofia, sem dúvida alguma, é aquela que os gregos acenavam desde o início da humanidade, ou seja, aquela reflexão que é fruto do espanto, assombro, um impulso fundamental e não apenas uma mera curiosidade. Essa é uma realidade presa ao real, pois a “mordedura do real transparece como um gesto de resistência; resistência ao espírito de abstração” (SILVA, 2015, p. 339).

Essa filosofia como espanto, como assombro e não meramente como curiosidade é “o próprio espírito de inquietude, no sentido de que é capaz de reconhecer a sua própria indigência (apetência) como inerente a uma radical interrogação ontológica embebida do inesgotável concreto” (MARCEL, 1999, p. 100).

É interessante perceber que esse apetite metafísico é mais aperiente, não é uma curiosidade que simplesmente se esgota no objeto, mas é ecrástico. Até porque “ser curioso é partir de certo centro imóvel, é apoiar-se para apreender para apropriar um objeto do qual se forma uma representação confusa ou esquemática.

Nesse sentido, toda curiosidade se volta para a periferia” (MARCEL, 1998, p. 183). Ou seja, ele é distinto em relação à abstenção etérea.

Dito isso, fica óbvio o que mais se opõe a esse espírito de curiosidade é a verdadeira necessidade da metafísica, pois essa sabe se dirigir não a uma vontade ética, moral, cultural, histórica, política, mas ao espírito de inquietude. Até porque "ser inquieto não é estar seguro de seu centro, é estar em busca de seu próprio equilíbrio; uma inquietude é tanto mais metafísica quando ela concentra-se mais sobre o que não pode ser separado de mim-mesmo sem que este eu se anule” (MARCEL, 1998, p. 183).

Dessa forma, percebe-se que, em Marcel, “toda a metafísica pretende ser a satisfação de uma inquietude” (MARCEL, 1927, p. 284). E é justamente isso que o distingue da simples curiosidade. Pois a inquietude humana reforça e sustenta a vida superior do espírito, já a curiosidade humana a paralisa.

### 3 EXPERIÊNCIA E FILOSOFIA CONCRETA

Neste capítulo deseja-se adentrar o tema da experiência e filosofia concreta. Sendo esse conhecimento de grande maestria para o entendimento da noção de vida que Gabriel Marcel insistia que as pessoas tivessem.

#### 3.1 POSIÇÃO PRELIMINAR

Uma das características marcantes quando se estuda Gabriel Marcel é a perspectiva de uma experiência com uma filosofia concreta, que tem seu fundamento, sua necessidade e que, por isso, encanta os leitores por encontrar praticidade para a vida e não meras teorias, seja do passado, do presente ou futuro.

Marcel coloca o homem no centro de sua pesquisa, buscando nessa proposta antropológica, se assim pode dizer, a sua realização enquanto ser. Realização essa que está a caminho, na busca do conhecimento que necessariamente assenta-se em quatro grandes objetivos educacionais: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver em comum, aprender a ser.

No que concerne ao primeiro grande objectivo educacional procura-se munir o educando de instrumentos de compreensão, estabelecendo um equilíbrio entre a cultura geral vasta e a competência para tratar em profundidade pequenos fragmentos do real. A tônica é posta no aprender a aprender, não desperdiçando as possibilidades de aprendizagem que se oferecem ao longo da vida. No segundo, percebe-se que muito mais do que habilitar ou qualificar profissionalmente, isto é, preparar para agir num determinado contexto, importa adquirir competências, mobilizar saberes que predisponham a pessoa a enfrentar criativamente as mais diversas situações, respondendo positivamente aos desafios e envolvendo os outros num trabalho de equipa. Aprender a viver em comum, revela-se hoje como um dos grandes objectivos, mas também desafios educacionais e civilizacionais, sobretudo por nos ser dado observar um conjunto de fenómenos sociais que atestam, de forma evidente, a desagregação social. A xenofobia, o racismo, a intolerância religiosa, os fundamentalismos de índole diversa ou a própria violência que prolifera na telepolis contemporânea põe a descoberto a fragilidade dos vínculos sociais, a ameaça real de se impor uma visão marcada pela satanização do outro ou pela diabolização da diferença. Na sociedade do conhecimento exige-se a participação e cooperação com os outros, o reconhecimento do valor do pluralismo, da cooperação mútua, da paz. Por último aprender a ser, objectivo que totaliza e consubstancia os anteriores, permitindo a cada um desenvolver a sua personalidade, afirmar a autonomia,

capacidade de discernimento e responsabilidade (ESCOLA, 2005, p. 351).

Nessa direção, como o homem está sempre aprendendo, para Marcel, precisa tomar posse plena do que ele é, do que ele não é e perceber os influxos positivos e negativos que se tem para poder realizar-se, não no futuro, mas no aqui e no agora da sua existência.

No mundo hodierno, diante do bombardeio de informações e não formações, percebe-se claramente que o ser humano precisa entender seu espírito e com isso descobrir o quão forte é a influência do espírito de abstração em sua vida para poder se libertar dessas amarras que, sem perceber, levam-no para qualquer caminho, menos para onde deveria ir. Não se pode negar que "o excesso de informação transforma-se em lixo, pois não disponibiliza respostas para as questões capitais do ser humano. A informação circula indiscriminadamente carente de direção e de propósito" (ESCOLA, 2005, p. 349-350).

Nesse processo de filtrar as informações para poder fazer uma viagem sobre a perspectiva humana, apresentar-se-á, neste capítulo, um pouco sobre a crítica necessária que Marcel faz ao espírito de abstração, como sendo algo desencarnado do real: a busca pela conquista do concreto e o peso ontológico da experiência como urgência para que o ser venha a tornar-se o que deve ser e realizar-se em sua plenitude, e a ideia magistral que a encarnação é o dado primeiro da metafísica, não como proposta de dicotomia de alma e corpo (coisa que na antiguidade era de grande valor entre críticas e aprovações entre os gregos), mas no sentido de valorização do corpo, como sendo o eu em situação a se realizar consigo, com o outro e com o transcendente.

### 3.2 A CRÍTICA AO "ESPÍRITO DE ABSTRAÇÃO"

A crítica ao "espírito de abstração" é sempre necessária para entender cada vez melhor o pensamento de Marcel. No entanto, antes de adentrar propriamente dito na perspectiva desse tema é urgente soltar as palavras do próprio autor quando

faz questão de explicar o que seria a abstração e o espírito de abstração. Sem dúvida, sem essa precisão racional, pode-se correr o risco de trair a precisão dos seus trabalhos. Explica Marcel:

A abstração considerada, nela mesma, é uma operação mental indispensável de procedimento para alcançar qualquer que seja o fim determinado. Abstrair é, em suma, proceder a uma terraplanagem (*déblayage*) prévia”, cujo “[...] caráter é verdadeiramente racional”. Fato é que, até por dever de ofício, a ciência, em geral, aspira a um ideal de objetividade racionalmente requerido como princípio de pesquisa ao apoiar-se num campo determinado de atuação. Atitude diversa é o “espírito de abstração”, isto é, a condição na qual, “[...] o espírito, cedido por uma espécie de fascinação, termina por perder consciência dessas condições prévias, abusando, acerca da natureza, daquilo que é, em si, tão somente um processo [...]. O espírito de abstração é inseparável deste erro [...], quer dizer, ele próprio é esse erro (MARCEL, 1991, p. 98).

É sabido que a psicologia fez muito bem seu trabalho de distinguir a diferença entre abstração e ação. A abstração pode ter, perfeitamente, um caráter racional, até porque a abstração é uma base mental imprescindível para se chegar a um fim esperado.

Dessa forma, o espírito deve sempre ter como meta o fim, para não perder seu foco e seu objetivo. No entanto, por experiência própria se constata hoje e sempre como o espírito, por meio de fascinações e ilusões, tem perdido a consciência das suas ações. Por isso, tem-se visto cada vez mais o ser humano como vítima do espírito de abstração.

Observa, em Marcel, um chamado para o homem acordar, pois há muitas coisas que só indo contra o espírito de abstração, sendo Marcel declaradamente um combatador sem limites desse espírito que tem destruído a vida humana, até porque a abstração está aliada a duas mentiras: a mentira de si mesmo e a mentira acerca do outro. Já dizia Pérez: "esse espírito de abstração é o elemento mais contrário à paz que existe" (2001, p. 320).

Com o império do espírito da abstração tem-se evidenciado cada vez mais a transvalorização gigante de uma visão de mundo que se pretende demasiadamente hegemônica. Esse espírito é, na verdade, um belo produto de constituição de consciências fanatizadas.

Claro que o fanatismo leva o ser a uma ignorância cega de si e do outro. Independente do fim ao qual se propõe crer, o fanático só tende a ter uma imagem material e ridícula de todas as coisas. E infelizmente é assim que a massa se comporta. Em tese, o fundamento da abstração é a própria abstração e, cada vez mais, vive-se em um mundo inumano e desumanizador.

O mundo inumano e desumanizador é o resultado de uma realidade que exalta a técnica acima do que é o humano, expressando, pois, uma realidade vazia de substancialidade e núcleo obturador dos laços geradores de sentido e concretização existencial. Além disso, transforma as relações em um o locus pragmático e generalizador tanto do homem como da vida em geral (SILVA, 2019, p. 91).

Isso mostra o que Jaspers já dizia: "Técnica de aviltar e massa são gerados reciprocamente, de modo que regime existencial técnico e massa passam a ser a mesma coisa" (1933, p. 35). Isso também revela o quanto a existência humana não pode ser vista fora da sua própria realidade, que é a condição do ser humano como Ser-em-situação.

No entanto, o que tem se observado é que o espírito de abstração trata o ser humano como uma abstração genérica ou como um membro de um grupo, esquecendo-se da noção de individualidade, de singularidade ou de existencialidade de cada pessoa.

Hoje, se fala cada vez mais em massa e, não só isso, percebe-se o quanto a força da massa tem tido seus resultados, com o império do relativismo, o qual cada um tem sua verdade e verdades em conjunto tornam qualquer coisa uma verdade universal, inclusive com relação ao próprio conceito de ser humano. Sendo hoje a triste realidade que a participação da massa é algo visto como fantástico e não prejudicial e deformatório de cada pessoa humana.

A ideia de "massa" seria um exemplo contundente de como esse "espírito de abstração" pode chegar a um "elevado nível de sofisticação", para dizer de alguma forma. Isto porque "massa" indica como uma abstração toma corpo sem deixar de ser abstração; como o abstrato pode se materializar sem ter carne... O grupo humano em questão é algo amorfo que, ao ser desqualificado como "massa", é, por isso mesmo, deformado. Ele não é um conjunto de seres humanos, ele é um todo genérico abstrato (MALAFAIA, 2019, p. 115).



Nesse contexto, entende-se quando Silva falou que a "abstração é um espírito desencarnado do real, da experiência em qualquer nível que essa se coloque" (2018, p. 190). Assim como percebe, o homem é problemático nessa relação, pois o fecha em si mesmo e inevitavelmente o leva a se confundir. Já dizia Marcel que o homem problemático é "um ser cuja originalidade mais profunda consiste talvez não só em perguntar pela natureza das coisas, senão em interrogar-se sobre sua própria essência" (MARCEL, 1999, p. 68).

Essa problemática que se refere ao homem se estende à origem, à essência e ao destino do homem, pois o que mais fica visível de tudo isso é que existe uma conexão entre a abstração e a violência coletiva que faz parte de todo um pensamento marceliano, pois, segundo o próprio filósofo francês, é impossível alicerçar paz sob abstrações.

Percebe-se com tudo isso que o espírito de abstração é uma doença da inteligência, não como um todo, já que para Marcel, o espírito de abstração é de origem passional. "Numa sumária definição, o espírito de abstração é de essência passional, já que, inversamente, a paixão produz o abstrato" (MARCEL, 1991, p. 14).

De toda forma, no entanto, o ponto central da demasiada discussão apresentada deve girar em torno da reificação e objetificação do ser humano, que é fruto do espírito de abstração, já que o outro tem o mesmo valor de uma coisa ou objeto e, por isso, pode-se descartar, suprimir e aniquilar.

É o Ser que jamais concebe-se ou afirma-se fora e/ou para além da sua própria liberdade. É o homem que batalha para não perder sua significação autêntica, para não se deixar persuadir pelas técnicas de aviltamento e abstração. É quem busca, literalmente, interpelar a natureza do processo de automatização de sua existência e transcender os domínios do dado e da aparência de sua própria realidade (SILVA, 2018).

Dito isso, o que se sonha é que cada pessoa possa buscar o espírito universal, o espírito de verdade e de amor no mundo, pois, segundo Marcel, essa sim vai ter seu fundamento na concretude individual humana, ou seja, na própria singularidade, pois não se parte de algum ideal pensado ou forjado para que a ação

seja efetivada, podendo operar também com a abstração, mas não no espírito de abstração.

É necessário, portanto, encarnar-se, até porque o acesso à abstração está muito facilitado, mas ao concreto exige um esforço gigante, justamente porque é no meio da angústia da realidade imediata que o homem se move a buscar o sentido e se abrir à noção de transcendência.

### 3.3 A CONQUISTA DO CONCRETO E O PESO ONTOLÓGICO DA EXPERIÊNCIA

Perguntar o que sou em Marcel é perguntar pela ontologia concreta. Seria a mesma coisa que alertar que você é o que pode se tornar. Partindo sempre da lógica que o ser humano deve ter como indicativo o caminho para si mesmo e isso implica a comunhão com a alteridade contingente e absoluta.

Em Marcel, a conquista do concreto significa essencialmente tornar-se um aqui. "O que importava para mim era descobrir um alhures que pudesse tornar-se essencialmente um aqui" (MARCEL, 1947, p. 305). Até porque sem essa certeza de quem é, o ser não pode fazer-se efetivamente estável em nada e fica preso às instabilidades da vida. "Talvez uma ordem terrestre estável só possa ser instaurada se o homem guardar uma consciência aguda da sua condição itinerante" (MARCEL, 1997a, p. 5).

Mesmo partindo da proposta marceliana que Ser é estar a caminho precisa entender que esse ser estando em caminho significa que não sou, tenho de vir a ser, mas mais ainda que "o meu ser não é uma natureza dada mas uma aspiração criadora, pelo que somos conduzidos à fórmula inesgotável torna-te quem és" (MARCEL, 1954, p. 70).

Nesse sentido, esse apelo marceliano para o tornar-se quem é ou se reconhecer como aquele que se torna, faz-se preciso hoje numa sociedade que cada vez mais se molda aos modelos da mídia, inclusive das redes sociais com o advento dos influencers. Percebe-se um desejo de imitação de muitas vidas que, nem

sempre, são aquilo que aparentam e se apresentam em seus perfis com milhões de seguidores.

O reconhecimento do ser humano enquanto tal é urgente. Como diz Jankélévitch: “os dois paradoxos inversos do reconhecimento: podemos aprender aquilo que já sabíamos ou descobrir o que já tínhamos encontrado, mas também reconhecer aquilo que de forma alguma conhecíamos” (1980, p. 160).

Nesse contraste de buscar quem é e ser alguém diferente ou indiferente do que deveria ser, é um trabalho árduo, é uma vida que passa pela realização e reconhecimento, mas, ao mesmo tempo, pela preocupação da sua utilidade ou inutilidade, já que isso toca diretamente o interior do ser humano.

A dinâmica da “realização” e o “reconhecimento” envolvem a máxima unicidade do indivíduo - o que em nós há de único, irrepetível e irreduzível - a ipseidade - e a plena realização do Humano em nós - a humanidade. Existir como pessoa consiste em ser para além da série finita ou transfinita das atribuições predicativas, do inventário das propriedades físicas e psíquicas, das disposições afetivas e caracteriológicas, do feixe de funções sociais e políticas, e mesmo do ADN, por exemplo, poderia identificar-se o último reduto identitário verdadeiramente singular (BEATO, 2019, p. 131-132).

Quando o filósofo espanhol do século XIX-XX, José Ortega Y Gasset, dizia: “Eu sou eu e minhas circunstâncias” (1966, p. 322) faz lembrar um pouco dessa pesquisa incessante pela conquista do concreto e pela dinâmica da realização e do reconhecimento de si em todas as circunstâncias.

A circunstância pode ser entendida como tudo que esteja direta ou indiretamente em contato com o eu; que tanto pode ser proveniente do passado ou do presente, de contexto físico, histórico ou cultural, como também de si mesmo, isto é, de seu próprio corpo e psiquismo.

Como afirmava o autor francês: “as circunstâncias nas quais as nossas existências se desenrolam podem tender a torná-las estranhas ao mais fundo de si-mesmas” (MARCEL, 1997b, p. 181). E pode se acrescentar que a vida está para além da consciência que o ser humano possa ter e tomar dela mesma, pois é essencialmente desigual a si-mesma, mas ainda que “a minha vida, e por refração, qualquer vida, pode aparecer-me como para sempre inadequada a algo que trago

em mim, que em rigor sou, mas que, no entanto, a realidade rejeita e exclui” (MARCEL, 1949, p. 66).

Esse panorama ontológico que está sendo tratado aqui é notório em cada ser, ainda que seja finito, ele nunca está esgotado, porque sempre está buscando tornar-se quem deveria ser. “Tornar-te o que és não significa que é inútil devir porque já és aquilo em que poderias tornar-te, mas sim, devem ao infinito, uma vez que o homem jamais é em ato tudo aquilo que poderia ser” (JANKÉLÉVITCH, 1970, p. 399). Percebe-se isso claramente na realidade mortal. Ela é um retrato dessa situação de sempre o homem ser um personagem inacabado.

Portanto, sempre que se trata a questão da conquista do concreto e o peso ontológico da experiência em Gabriel Marcel, fixa a ideia que seria muito melhor se houvesse uma compreensão do ser, para que a vida não fosse reduzida a um jogo de aparências sucessivas e inconsistentes ou a imitação de uma vida criada e alimentada por likes, como é o caso dos influencers de hoje em dia.

Esse caminho para si mesmo é literalmente uma resposta a um grito, a vocação, a um chamado, como diz Marcel, "mais interior a mim do que eu-mesmo" (1968, p. 156). Não se pode esquecer jamais a “exigência ontológica”, assim formulada, é uma “exigência de coesão e plenitude” (MARCEL, 1968, p. 86) e esse grito por uma resposta é sempre "intrapessoal, interpessoal e suprapessoal. Por isso, a ontologia concreta – que é uma onto-antropologia - declina-se no interior de uma metafísica da invocação” (BEATO, 2019, p. 136).

### 3.4 A ENCARNAÇÃO COMO DADO PRIMEIRO DA METAFÍSICA

Uma verdade indubitável que se pode escrever é que a existência seja o ponto de partida da filosofia para Gabriel Marcel. Para ele seria incompreensível existirem filosofias que não visam ou não explorem a existência do homem. Assim como também é óbvio que a encarnação é a situação do ser que se liga ao corpo e é o centro da investigação dele.

Marcel parte do princípio do ser em situação. Esse ser é concreto, real, tem a existência a partir da vida encarnada e persegue a sua essência. É um caminho que enquanto se persegue se revela. E se revela aceitando seus limites, sabendo que não atingindo a essência de ser em plenitude, sente-se satisfeito por progredir, crescer e lutar, ainda que inacabado sempre na direção do ser.

Esse pensamento de sujeito concreto individual e encarnado se dá visivelmente na relação do homem com o outro, pois o homem ou o ser do homem é impensável sem o corpo. Visão que difere totalmente de Descartes, ao afirmar: "Penso, logo existo" (2005, p. 23), porque em Marcel o homem é colocado na condição corporal.

Ele mesmo afirma: "cujo corpo não é meu, nem para mim como objeto. No corpo a oposição entre sujeito e objeto se transcende. Situação que não pode ser medida ou dominada... Sou meu corpo numa relação indeterminável" (MARCEL, 1969, 15-16).

Essa perspectiva marceliana defende o corpo em uma estrutura pivô e aqui entra o paradoxo do ser e do ter a corporeidade e as diferenças que subsistem disso. Até porque essa corporeidade, em Marcel, é vista como experiência de transcendência, totalmente contrária à visão solipsista.

Como já dizia Silva, "é outro nível de estrutura que o corpo comporta; estrutura profundamente meta-empírica, transcendental" (2015, p. 342). A questão ontológica do corpo é que "o meu corpo não é alguma coisa que eu tenho, mas que eu sou, é uma afirmação central, um mistério da encarnação num sentido que não tem absolutamente nada de teológico" (MARCEL, 1959, p. 185).

Paralelamente, Merleau-Ponty, quando falava sobre a experiência corporal, deixava claro que ela se deflagra como "uma presença, uma aderência, uma intimidade" (1997, p. 37). Esse mesmo autor descrevia isso sempre na perspectiva que "eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes, sou meu corpo" (1945, p. 175).

Dito isso, fica cada vez mais claro que a proposta de ser corpo e não simplesmente ter corpo é a tônica, é mais que um artifício retórico, é o existente

exemplar cuja "mediação não instrumental completaria, inclusive, a própria mediação instrumental ou objetiva" (MARCEL, 1927, p. 265).

Nesse sentido, quando Marcel defende que não serve ao corpo, mas que é o próprio corpo, percebe-se que existe entre o entendimento e a sensibilidade uma indivisibilidade radical. A encarnação é o dado central da metafísica, é o dado incondicionado.

Dado este "que não pode ser constatado, mas apenas reconhecido" (MARCEL, 1999, p. 105), a título de um "engajamento fundamental" (MARCEL, 1935, p. 21) pelo qual o corpo e o tempo coparticipam ontologicamente. Assim, um novo tempo metafísico reclama outra tarefa, a saber, aquela que consiste em "passar do fato ao fenômeno, ou melhor, descrever o que há de hiperfenômeno nessa experiência" (MARCEL, 1999, p. 117).

O ser humano é impensável sem o seu ser corpóreo. E, assim, toda a formação, a educação, as próprias relações dos homens concentram-se no ser encarnado, real, concreto e individual, pois mesmo tendo consciência de seus limites, da certeza que não atinge a essência do ser em plenitude, o homem sempre quer progredir, crescer, aperfeiçoar, mesmo sendo inacabado na direção do ser é nisso que ele sente a satisfação.

Isso eleva o pensamento a discussão perene do ser e do ter, pois a dimensão ontológica do corpo sempre é vista na perspectiva do ser corpo e não ter um corpo, o que traz a perspectiva clara de Marcel que "eu não me sirvo de meu corpo, eu sou meu corpo" (1999, p. 98). Ou seja, existe uma indivisibilidade gritante entre o entendimento e a sensibilidade.

Entre o "eu" e o corpo, melhor dizendo, entre "mim" e o "meu corpo" não há a distância de uma relação objectiva ou de uma posse instrumental: "sou o meu corpo", sem contudo me identificar a ele no sentido de um monismo materialista. Importa sair das aporias do "dualismo" das substâncias e da "relação instrumental" enquanto modos de objectivação, e reconhecer o "mistério da encarnação": "a situação de um ser que aparece a si mesmo como ligado fundamentalmente e não acidentalmente ao seu corpo". Marcel é o primeiro a formular explicitamente a distinção fundamental do "corpo-objecto" e do "corpo-sujeito" (BEATO, 2016, p. 126).

Em Marcel, essa busca insistente pelo ser se realiza por experiências ou, como dizem alguns autores, por aproximações concretas da junção do vital e do espiritual. Para haver a aproximação ao mistério ontológico precisa-se das modalidades fundamentais que são: fidelidade, esperança e amor.

Essas três são práticas, ou melhor, atitudes de conquista metafísica em que geram a comunhão entre inteligência, afetividade e vontade. "A primeira constitui a trama essencial das outras, sendo que as três se situam no plano da 'intersubjetividade' onde se joga toda a ontologia concreta" (BEATO, 2016, p. 136).

A encarnação constitui o sujeito de permanente relação subjetiva, entre o eu e o tu (o outro, o mundo e o transcendente). O homem passa a assumir e ser seu projeto. Com sua ação, ele define seu rosto, aceitando ou negando seu ser intersubjetivo. O centro do existir é o engajamento, o comprometer-se na fidelidade do ser. Fazendo a liberdade se constituir como momento interior desta participação. Com a abertura e o aprofundamento das relações cria o nós (eu-tu) ou o eu coletivo, a dimensão existencial intersubjetiva do ser (MARCEL, 1969, p. 201).

Esse investigar da existência, que é próprio do homem e ninguém mais além dele, partindo do ser encarnado, concreto e individual, leva, muitas vezes até sem perceber, a uma profunda reflexão que necessariamente se abre ao outro e ao transcendente. "O homem toma consciência do seu lugar no mundo, situando-se em relação à transcendência, tomando posse do conhecimento sobre as condições humanas, limitadas e inacabadas, ao pensar a si como criatura" (PIERRE COLIN apud AMOROSO LIMA, 1956, p. 16). Isso assegura a impossibilidade da felicidade humana sem sua relação com o outro e com a transcendência.

É sempre bom ter em mente que nesse dinamismo da encarnação como dado primeiro da metafísica, "o corpo é quem determina o limite entre o existente e o não existente" (BECKER, 2007, p. 44). Até porque é impossível parar e pensar sobre a existência se não relacionada a um corpo. Por isso sempre se volta ao princípio de que para Marcel o ser do homem se realiza em sua concretude na encarnação, no existir como corpo.

Com isso, independente de qualquer instrumentalização que se faça com o corpo e que com ele se relaciona, é a encarnação a existência concreta. E mais,

sem o corpo, o homem não seria o que é, pois ele é sua essência mais verdadeira, a ponto de se poder afirmar eu sou o meu corpo ou meu corpo sou eu mesmo.

Desse modo, não se pretende criar uma luta ou discordância entre alma e corpo. Até porque esse dualismo é antigo, antes mesmo de Cristo. Ele até já foi vencido, mas mesmo assim tem força e adeptos na sociedade contemporânea, inclusive no meio religioso. O objetivo da presente exposição é colocar que na união entre alma e corpo, este em si tem uma essência diferente da alma e das demais coisas que existem.

O homem é capaz de considerar as coisas como existências, de ver a existência de um mundo interior e exterior, de perceber uma relação dialética e concluir que a existência exterior muda constantemente e perde seu sentido e seu significado, sendo assim capaz de escolher quais caminhos seguir, levando sempre em consideração a inteligência, a afetividade e a vontade.



## 4 EXPERIÊNCIA VIVA E ENSINO DE FILOSOFIA

Neste capítulo procura-se adentrar na experiência viva e ensino de filosofia. Sendo esse assunto tão caro a Gabriel Marcel, pois o filósofo francês argumentava que precisava de uma conciliação entre o ser humano e a filosofia para poder ter pessoas melhores.

### 4.1 POSIÇÃO PRELIMINAR

É inegável que partindo do pressuposto da perspectiva marceliana, fica óbvio que o ser é o existir enquanto o homem se constitui peregrinando no caminho de sua essência. Desse modo, compreende-se o exercício da educação, suscitadora do homem, para despertar, assimilar e interiorizar o ser, num desenvolvimento criador e responsável por sua existência.

Deveria ser essa a preocupação de toda a educação: o ser, somente o ser. Até porque, no fim de tudo, o que mais importa é a sua constituição plena, o desenvolvimento total da pessoa e não os números, os currículos, os sites bem elaborados, as propagandas massificadas por aprovações com o desejo de persuasão da população que não raras vezes só visa isso.

Hoje isso tem sido tão doentio que, quando se imagina um processo seletivo, um concurso público, quase sempre se encontra em aprovações aqueles que mais têm títulos, nem sempre sendo os mais capacitados para tais funções. Justamente porque tem-se difundido cada vez mais a ideia de que o título é o motor para a função e, por isso, os docentes correm sem nem imaginar para as pesquisas desenfreadas, com o objetivo de conseguir um papel que comprove seu sucesso (certificados e diplomas).

No que toca a filosofia, por mais que tenha seu caráter próprio, ela não está longe dessa situação e o meio educacional a atinge com seus interesses também. Preocupa-se isso e se faz necessário ter uma experiência viva do ensino filosófico para que não haja um asfixiamento do livre pensamento e um desvio da função primordial da filosofia. "Ceder a isso é, quase sempre, associar-se a certo

profissionalismo filosófico, a certa especialização como mantra ou novo éthos da vida acadêmica" (SILVA, 2019, p. 155).

Pode-se também elencar um outro problema que tem tido ligação direta com a filosofia. Infelizmente hoje, com o avanço da tecnologia, envolvimento de quase toda população com as redes sociais, percebe-se uma certa tendência a querer achar um filósofo em um intelectual de internet, alguém que fala bonito, que tem frases impactantes, muitas vezes alguém que se dedica a querer adivinhar as coisas que estão por vir, literalmente entregue ao seu único interesse de arrebanhar midiaticamente uma legião de fãs. Por isso é sempre bom lembrar:

A filosofia, desde cedo, montou sua trincheira contra toda forma de ocultismo, sensacionalismo. O filósofo está longe de ser um astrólogo, um futurólogo ou, se quiser, um ilusionista de palco! Quanta pretensão! Filosofar não é a arte da adivinhação ou da mercadização. O filósofo precisa redescobrir qual é o seu lugar! Onde e como! (SILVA, 2019, p. 155).

Não se pode esquecer que essa confusão que muitos têm feito de filosofia com autoajuda levou a filosofia a uma popularização que tem dois aspectos que valem a pena ressaltar: uma coisa benéfica que é a difusão ou divulgação da filosofia enquanto caráter pedagógico de ser uma disciplina, um curso, algo a se buscar; a outra coisa é maléfica, que é essa colocação da filosofia na mídia como um "modismo". Vale a pena lembrar sempre: "Ora, quem vive de credo, tornando-se marqueteiro de ideologia de bolso, pode ser tudo, menos filósofo!" (SILVA, 2019, p. 155).

Com tudo isso, Marcel faz questão de chamar atenção do filósofo convidando-o "a se olhar mais no espelho, isto é, a sair de sua cômoda instalação, de sua zona de conforto a fim de romper seu cordão de isolamento com o mundo, mas sem deixar chantagear-se publicitariamente" (SILVA, 2019, p. 155). Lembrando sempre do bom senso frente às questões, seu princípio ético, seu justo equilíbrio, e nunca se esquecendo das suas interrogações próprias, inclusive sobre a responsabilidade do filósofo que estando neste mundo está sujeito a se perder se não souber bem definido qual a sua situação real no mundo atual.

## 4.2 A SITUAÇÃO DO FILÓSOFO NO MUNDO ATUAL

Começar a olhar a situação do filósofo no mundo atual é parar e perceber o que Marcel queria dizer quando afirmou que Filosofia e Existência “ensinam o caminho da vida pessoal e da certeza pessoal” (MARCEL, 2018, p. 53). Ou seja, com esse diálogo a vida segue um rumo lógico e certo, longe disso a vida pode tornar-se inútil. Até porque é visível o quanto a humanidade tem se afastado de sua condição existencial.

Como se sabe, Marcel foi um filósofo que trabalhou bastante com peças teatrais. Ele foi um filósofo diferente dos demais, inclusive os franceses de sua época. Para ele, o teatro era literalmente uma forma bela de ensinar sobre todas as coisas e também sobre a filosofia.

Na peça *Le Monde Cassé* (O Mundo Partido) escrita em 1933, Marcel coloca um diálogo entre Christiane e Denise que vale a pena trazer a tona, pois essa conversa versa sobre a unificação entre o real e o espiritual, trata sobre os projetos, os interesses e as obrigações de cada pessoa, questionando a forma que os homens vivem, chamando a atenção para o que cada ser apreende de sua realidade.

Christiane – Ninguém é simples. Denise - Penso o contrário, todo mundo é simples, Christiane. A complicação faz parte do cenário que todos reunimos, das aparências que colocamos lá para que ninguém se aproxime de nós e nos machuque. Christiane - Antonov ensaia seu poema sinfônico: todos estamos em nosso próprio mundo, atendendo nossos pequenos negócios, também atentos aos nossos pequenos interesses. De repente, nos conhecemos, nos abraçamos e isso é ouvido como um ruído que lembra atritos de uma sucata. Denise – Como poderia ser de outro modo? Christiane – (seguindo seu pensamento) – Mas não há mais centro, tampouco vida, em nenhuma parte. Denise – E tu em tudo isto? Christiane – Eu ... coloco-me a escutar. Denise – No vazio? Christiane – Tu o disseste: no vazio. Denise – E o resto do tempo? Christiane – Eu acho que ... vivo. Sou o que se chama uma mulher ocupada (MARCEL, 1933, p. 43-44).

Vendo esse diálogo, analisando o quanto os homens estão indiferentes ao que é próprio dele, percebendo o quanto ele se aproxima do que destrói seu espiritual e seu existencial, imediatamente vem à mente a pergunta de Marcel: “em

que condições o homem pode se converter integralmente em uma questão para o homem?" (MARCEL, 1955, p. 9).

Essa pergunta é extremamente pertinente, pois o avanço das tecnologias, o bombardeio de informações e não formações e a cultura do consumo têm feito uma destruição gritante na forma como os homens se veem e automaticamente como as pessoas se relacionam. Dessa forma, faz-se urgente a participação e presença do filósofo, pois isso também é um problema filosófico.

A filosofia hoje precisa refletir sobre essa perdição humana ou, como dizia Marcel, as liberdades perdidas. Com isso, não deseja afirmar em nenhum momento que o homem nasce pronto ou está pronto. Não é isso. Até porque a proposta de Marcel é que a condição humana é de ser em situação. Ou seja, não se admite reducionismo nem visão totalitária, pois o ser sempre está ligado ao seu condicionamento.

Pode-se então afirmar que, se a condição humana está ligada ao ser em situação, o filósofo tem sua condição existencial de ser um homem no tempo e na história, comprometido e assumido a responsabilidade de contribuir em desvelar os âmbitos ainda obscuros da realidade e do mundo que está ao seu redor.

Por muito tempo se criou uma ideia de que o filósofo era alguém desconectado do mundo, preso à sua biblioteca, disperso em questões não emergenciais, o que é totalmente contrário. "O Filósofo não se realiza no abstrato nem na solidão, mas na situação e comunicação existencial" (JASPERS, 1953, p. 45).

O filósofo não é um monge, não é pura contemplação, muito menos um ser isolado. Karl Jaspers deixa claro que o lugar da realização do filósofo não é apenas o da tradição do pensar, mas o da realização histórica, nunca sendo um ser dissociado do real.

Nesse sentido, um filósofo não pode ser, como em muitos lugares, um eremita. Não faz sentido o filósofo viver incólume. Ele não pode ser um alienígena ou um ET. Infelizmente essa visão de filósofo que vive no mundo da lua, que vive pensando coisas que não tem nada a ver com a realidade ainda existe e precisa urgentemente deixar de existir.

Não é fácil desmistificar essa ideia de filósofo que boa parte da população carrega. Isso é fruto de uma mentalidade não tão bem esclarecida do papel do filósofo no mundo. Para muitos, o filósofo hoje é apenas um repetidor ou reproduzidor de pensamentos e pensadores antigos. Para outros, o filósofo é um especialista do pensar que nada muda a vida diária e os problemas corriqueiros das famílias. Para Marcel essa visão é bem diferente.

Na concepção de Gabriel Marcel, o filósofo não é apenas um homem de hábitos, mas um Ser de aspirações; não é um profeta portador de convicções dogmáticas, mas um ser a caminho do esclarecimento; não é um porta-voz de discursos metanarrativos, mas um sujeito de busca fenomenológica, cujo sentido da vontade não se encerra nas premissas do dado, do visto e do imediato. O filósofo não é o homem do ingênuo suspiro, mas o Ser que anela por seu próprio desvelamento e pelos acessos intuitivos da transcendência e os processos mediadores do agir coerente (SILVA, 2019, p. 93-94).

Analisando os dois últimos séculos, enquanto no século XIX fixou-se a ideia do filósofo como professor, no século XX a abordagem se deu mais colocando o filósofo como especialista. Isso preocupava bastante Marcel, pois ao mesmo tempo que o filósofo está no tempo, ele não se prende ao momento, ele se estende ao futuro, mas não aguarda o futuro como algo dado, comprimido, que já tem o fim determinado e acabado. E assim, “o filósofo corre o perigo de separar-se da vida e substituí-la insensivelmente pelo seu domínio de pensamento, espécie de jardim cerrado e bem tratado, onde ele muda cuidadosamente os arbustos” (MARCEL, 1951, p. 98).

Diante disso, recuperar a situação do filósofo é apresentar a visão antropológica do ser, pois uma coisa está ligada a outra. E neste mundo onde é visível uma crise existencial de angústia e de desespero, é necessário capacitar o ser a resistir firme ao caos que o intoxica, pois essa resistência “representa o ato pelo qual esta tentação é ativa e vitoriosamente superada” (MARCEL, 2005, p. 48).

Sendo assim, em primeiro lugar, o dever do filósofo, como se tem observado em grandes autores e já dizia Marcel, “é o de nos ensinar a irrealidade fundamental acerca do que estamos habituados a considerar como nossa tarefa” (MARCEL, 2018, p. 18). Ou seja, o filósofo deve buscar criar uma filosofia da existência que possa dar sentido humano a si e às relações existentes. Não faz sentido um filósofo que perca sua reflexão com frivolidades, discursos ideológicos e propaganda

publicitária. É necessário romper com o ciclo de uma leitura existencial superficial que é bem própria do tempo presente.

Em segundo lugar, o filósofo deve estar sempre atento às questões humanas e as mudanças do mundo, problematizar as ideologias e lutar contra a cultura do envelhecimento e da submissão à servidão. Não dá para o filósofo ser um especialista aprisionado em sua especialidade, como muitos se comportam hoje. Não dá para ficar na neutralidade, fechado em si mesmo, pois o saber se dá através das relações entre o pensar a sociedade, o homem e a realidade.

Como a missão do filósofo é combater o fanatismo ou totalitarismo de qualquer coisa, em terceiro lugar, é dever do filósofo estar livre, sempre procurando entender sua relação com o mundo como presença criativa, consciente e intencional. Dizia Marcel: “a nossa própria situação histórica se transforma desde que nos pomos em guarda contra o que pode chamar-se a sedução do acontecimento” (MARCEL, 1951b, p. 211).

Paralelamente a isso, em quarto lugar, o filósofo deve construir possibilidades para as realizações do concreto, cultivando um olhar fenomenológico da situação fundamental do ser humano, pois as ideias e todo desenrolar epistemológico do homem só tem sentido, como dizia Marcel, quando é analisado a partir da própria realidade e do contexto imediato do ser. "As ideias só têm vida se o espírito lhe conserva, julgando-as sempre, mantendo-se mais alto, e que elas deixam de ser boas e até de ser ideias quando deixam de ser a base sólida e a expressão em atos da liberdade interior" (MARCEL, 1951, p. 100).

Com isso, em quinto lugar, é dever do filósofo amparar-se na condição da realidade e do contexto, mas superar, exigindo uma ampliação de olhar acerca disso. Ou seja, é preciso sempre compreender a realidade, mas não parar nela, e sim buscar apreender o modo como as relações são experienciadas na existência da vida.

No sentido fenomenológico, em sexto lugar, o filósofo deve contribuir para que o homem veja os sentidos da própria existência humana, a partir da base, pois em Marcel o segredo da visão de homem e de mundo está no interior e na forma como o homem procura se afirmar perante os outros e sua própria realidade. Ele

argumentava que “a escuridão do mundo exterior depende da minha obscuridade para comigo mesmo” (MARCEL, 2003, p. 15).

Desse modo, analisando a realidade, em sétimo lugar, é dever do filósofo buscar um olhar metafísico de suas análises fundamentais, pois Marcel alertava que a crise do homem é metafísica. Com isso, ele dizia que é preciso respeitar as especificidades ontológicas do homem e o modo como a realidade é apreendida através da experiência subjetiva de cada um (MARCEL, 1951).

Olhar para o ser humano hoje é perceber o quanto ele se sente reduzido à simples menção abstrata por perceber uma perda do contato real consigo mesmo, com o mundo e com as realidades ao seu redor. Esta mudança de concepção do homem acontece na era da técnica, tecnologia e em tempos sombrios porque, como dizia Karl Jaspers:

o conhecimento que se tem do homem passa a ser mais importante que o próprio homem, adota-se por vezes, atitude de singular superioridade, como a de quem possuísse conhecimento absoluto, capaz de tudo penetrar e tudo esclarecer. Dessas alturas, olha-se para as misérias humanas. Toma-se posição de Ser superior, que domina espiritualmente o mundo – o que se torna de um ridículo todo particular, quando se é pessoalmente um pigmeu (JASPERS, 1965, p. 92).

Marcel já percebe no seu tempo que é necessário problematizar as ideias de senso comum diante de uma visão integral do ser humano, porque essa ideia de progresso, utilidade e produtividade criou uma concepção de formação baseada em aquisições de domínios científicos e especializações técnicas. Assim ele comentava:

O que exatamente quero dizer quando digo que os homens ao meu redor entraram na era técnica? Com isso não me refiro simplesmente ao fato da extraordinária multiplicação de técnicas no mundo contemporâneo. Pretendo sobretudo sublinhar o facto de o homem tender mais e mais a pensar o mundo que está à sua volta e, em última análise, também a si próprio, sob o signo da técnica. Uma técnica é um saber-fazer especializado e racionalmente desenvolvido que também tem o duplo carácter de ser perfectível e transmissível (MARCEL, 2010, p. 6-7).

Isso não pode significar que Marcel queria uma visão idealista do homem, até porque o filósofo francês, mesmo sendo fruto dessa visão filosófica na universidade,

buscou mostrar como o idealismo vai na contramão e procura eliminar toda a consideração existencial.

Destarte, o filósofo tem a missão de lutar contra toda concepção totalitária do ser humano se libertando de toda e qualquer categoria que limita a compreensão humana à ordem da quantidade e do quantificável. Com relação ao Ser e sua formação humana “cumpre à imaginação metafísica proceder a uma renovação das categorias fundamentais” (MARCEL, 1951, p. 109).

Seguindo uma perspectiva metafísica, o filósofo não pode se entregar à tentação do quantitativo sobre o metafísico, porque o fazer filosófico nunca se encerra nele mesmo. Nada faz sentido ao homem se não o relacionar com sua própria existência. A argumentação da visão metafísica do humano e de sua relação intersubjetiva equivale a dizer "que o homem deve ser apreendido como uma participação efetiva" (MARCEL, 2003, p. 133).

O filósofo deve se colocar na condição de mediador dos processos de mudança da realidade e do mundo, procurando no comprometimento de si, ser coerente entre um agir ético e uma ideia ampla do ser humano, não querendo prevalecer sua crença, mas reconhecendo a especificidade de cada situação e assim, frente a uma cultura criadora da “autocomplacência burguesa, de ressentimento, de convencionalismos, do hábito de considerar o bem-estar material como razão suficiente de vida, de apreciar a ciência em função de uma utilidade técnica” (JASPERS, 1965, p. 140). Além da pretensão do ilimitado desejo de poder, da bonomia dos políticos e do fanatismo das ideologias, “talvez pudesse dizer-se que entre o mundo das técnicas e o da espiritualidade pura a mediação do filósofo é cada vez mais indispensável” (MARCEL, 1951, p. 116).

Com isso, não se pode achar que o filósofo no mundo atual está fora do mundo, no sentido que é sua missão perceber que o pensar filosófico passa pelos caminhos sinuosos das experiências contínuas e descontínuas da formação humana. Não à toa esse trabalho tem batido na tecla que o filósofo precisa aproximar-se com a exigência ontológica para perceber o estranhamento que permite identificar o ponto essencial da situação do homem no mundo.



Parece estranho, quando se fala que o filósofo deve estar perto, mas não pode se deixar levar pela proximidade das realidades. No entanto, é isso mesmo. A proximidade total com a realidade tem criado a massa. E infelizmente as massas são o humano degradado que não se conhece, não sabe de onde veio e para onde vai. E nesse meio não cabe falar sobre educação, mas em adestramento que leva a fanatização.

Quanto ao filósofo, estar na ágora é algo imprescindível, faz parte de sua história e de sua constituição básica. No entanto, essa ágora não pode estar aliada a mídia, pois o que tem se percebido nos dias atuais é que o filósofo chega a vender sua alma no mercado de ilusão publicitária.

Sem dúvidas nenhuma, se colocar no lugar desse filósofo é algo tentador, pois a figura midiática do intelectual pop tem se tornado um padrão a ser alcançado e na medida em que “o filósofo consente em ser tomado pelo encargo de uma publicidade, por empresários, nega-se como filósofo” (MARCEL, 1991, p. 73).

A esse papel, não se pode chamar de filósofo intelectual de mídia ou filósofo moderno como muitos chamam, pois essa celebridade excêntrica não pratica outro ato senão o da extorsão intelectual movida por interesses mercantis. Querer tomar essa posição é na verdade ignorância pura.

A ágora filosófica deve ser lugar de encontro e de debate, mas como revisitação da ágora socrática. Merleau-Ponty traz a ideia de um espaço emancipatório do ponto de vista filosófico, como um lugar em que se revive a experiência de pensamento que “transita numa relação viva com as coisas, com o mundo e com o outro, encarnando-se no acontecimento, transcendendo, em rigor, os muros da academia” (SILVA, 2011, p. 286).

O filósofo precisa ter ciência dos limites do seu saber e reconhecer que há coisas que ele não tem como dominar. No entanto, num país onde há muito preconceito racial e religioso, os filósofos devem levantar sua voz, pois o silêncio - nesses casos - é sinônimo de cumplicidade.

É preciso pois, sempre, antes de qualquer coisa, realizar a epoché do senso comum para não se deixar levar pela ideologia da massa, acercar-se do que se trata

cada coisa, cada fato, cada acontecimento e, assim, tendo conhecimento de causa elevar-se como voz autônoma, autêntica e crítica.

Um dos grandes problemas da figura e missão do filósofo hoje, que não pode deixar de ser dito, é a filosofia livresca que entra no mundo acadêmico como obrigação para comprovar a validade da inteligência profissional. Essa filosofia deixou de interrogar os homens, levou o filósofo à solidão bibliotecária, e isso é um perigo, pois perde de vista um dos pensadores que mais elucidava o papel do filósofo: Sócrates. Assim dizia Merleau Ponty:

O filósofo moderno é frequentemente um funcionário, sempre um escritor e a liberdade que lhe é permitida em seus livros, admite uma contrapartida: aquilo que ele diz entra logo num universo acadêmico onde as opções da vida estão amortecidas e as oportunidades do pensamento veladas [...]. Ora, a filosofia livresca deixou de interrogar os homens. O que nela há de insólito e de quase insuportável está oculto na vida decente dos grandes sistemas. Para reencontrarmos a função integral do filósofo precisamos lembrar-nos de que até os filósofos-autores que lemos, e que somos, nunca deixaram de reconhecer como mestre um homem que não escrevia, que não ensinava – pelo menos nas cátedras do Estado – que se dirigia àqueles que encontrava na rua e que teve dificuldades com a opinião pública e com os poderosos, precisamos lembrar-nos de Sócrates (1953, p. 39).

É lógico que a influência imediatista tão presente nos dias atuais faz com que as pessoas queiram sempre respostas prontas ou adivinhas do presente e do futuro. Esse também não é o papel do filósofo. Marcel dizia: “não estamos em condições de nos pronunciar sobre o futuro” (1991, p. 83).

Essa noção de filósofo como profeta visionário é totalmente sem lógica porque essa própria visão de profeta é equivocada. Pode-se dizer “que o filósofo jamais permita considerar-se, a si próprio, por um oráculo: pois, num tal domínio, aquele que assim procede, cai inevitavelmente no charlatanismo; ora, o que há de mais desprezível e ridículo que um charlatão sem o saber?” (MARCEL, 1968, p. 53).

O filósofo é *homo viator*, um homem a caminho, um andarilho, movido pelo espírito de busca, percorrendo a existência como homem de carne e osso em meio as estradas da vida, por isso ele não é um intérprete, um hermeneuta, mas um artista, um criador. É necessária uma filosofia concreta, como dizia Marcel, baseada no aqui e no agora, lógico que o filósofo precisa saber da história da filosofia, mas o

próprio filósofo precisa tomar cuidado para não cair na confusão secular que existe entre confundir o trabalho filosófico com o trabalho científico.

Certamente, um filósofo deve “saber” a história da filosofia; mas isso, para mim, quase exatamente no mesmo sentido em que um compositor deve saber a harmonia, quer dizer, possuir um repertório harmônico sem jamais tornar-se escravo. A partir do momento em que é escravo, ele não é mais um criador, não é mais um artista. Do mesmo modo, o filósofo que tem catalogado frente à história da filosofia, já não é, portanto, um filósofo (MARCEL, 1999, p. 95-96).

Marcel é cirúrgico quando chama atenção para o perigo iminente da comparação filosófica com a cientista e, assim, ele diz: “Não se pode jamais dizer até que ponto a imagem da oficina, da usina e a do laboratório têm obcecado os filósofos” (1999, p. 95).

Sempre lembrando que o filósofo estando no mundo está sujeito ao pensamento que o rodeia, mas ele não pode esquecer que o seu procedimento é muito mais interrogativo que resolutivo. E como o mundo hoje vive numa recusa da reflexão, o filósofo tem uma missão maravilhosa que é combater essa confusão e ilusão, trazendo sempre a necessidade de que uma vida só vale a pena ser vivida se for verdadeiramente construída sobre o tempo reflexivo.

O filósofo francês insistiu que entre o mundo da técnica e o mundo religioso, o filósofo tem um papel fundamental de mediação. Por isso, ele deve se manter sem alarido e sem ostentação, pois a filosofia não tem interesses particulares a não ser que seja uma repercussão de sons nessa vida, que infelizmente está hoje ameaçada.

Cabe perceber que não se tenta filosofar exclusivamente para si. Pois, tudo antes se passa como se entendêssemos em tomar a responsabilidade da inquietude ou angústia dos outros seres que não conhecemos individualmente, mas com os quais sentimos ligados por uma relação fraternal (MARCEL, 1968, p. 40).

O mundo atual está cada vez mais fechado à missão verdadeira do filósofo, por causa de suas características próprias. Isso porque a ideia do professor de filosofia sofreu, no âmbito da cultura da indústria e da técnica, uma verdadeira degradação, na medida em que a noção de sabedoria perdeu seu *ethos* e o

conteúdo substancial daquilo que o identificava como um ser de espírito livre e conhecedor da realidade (SARRAMONA, 1975).

No entanto, essa atitude desconfiada leva o próprio filósofo a repensar sua figura e perceber que certas coisas não são possíveis transigir; que ele precisa manter uma prudencial atitude de vigilância; que a resistência contra a inércia do pensamento pensante e a militância da verdadeira práxis filosófica são papéis imprescindíveis dessa vocação e que a missão do professor de filosofia precisa ser repensada.

#### 4.3 A MISSÃO DO PROFESSOR DE FILOSOFIA

O método socrático sempre será o parâmetro para a filosofia e seu processo educacional. É a dialética entre os sujeitos, formador e formando que, constituindo uma unidade, diferente dos outros, mas intersubjetivamente relacionados, que faz nascer as ideias, as verdades, nada estranho ao educando, é a vida. A educação realmente existe assim: no sujeito concreto, recolhido e no relacionamento com o outro.

Essa ideia de que o educador modela o educando não existe, até porque não é possível decidir pela essência dele. O que pode acontecer é o auxílio para que o educando seja cada vez mais autêntico e tenha sua originalidade própria, capaz de "fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade" (BRASIL, 2018, p. 9).

Sendo assim, a presença do professor de filosofia, na vida do seu educando, é muito importante, pois o ajuda interiormente a buscar cada vez mais na perspectiva de seu ser, apresentando tarefas que o ajudem a se comunicar e participar das relações existentes.

Nessa direção de educação, o professor de filosofia tem a missão de suscitar o eu. Ou seja, o educador deve despertar o educando para a consciência de sua responsabilidade e de sua finitude. Já dizia Larroyo: "O educador não modela a

criança e o jovem, pois não pode decidir sua essência; mas terá de incitá-lo em benefício de sua autenticidade e originalidade pessoais" (1970, p. 872).

Em Marcel, para haver educação é preciso expor a ideia porque com isso há exposição da pessoa e, assim, educa-se a consciência de si pela exposição ao outro. Isso faz totalmente sentido quando Paulo Freire afirmava: "O homem não é uma ilha. É comunicação" (1979, p. 28). Como também Ramos dizia: "Toda existência é única e, no entanto, aberta à comunicação" (2020, 302). Isto é, o exercício da educação consiste em integrar a dimensão individual e social do ser, fazendo do indivíduo uma unidade indivisível conectada aos outros. Por isso, o pensamento não é relação consigo mesmo, ele está sempre voltado para o Outro, é desejo do Outro.

Tanto em Marcel, como Freire é no e pelo encontro que se dá a passagem do ele ao tu, ao nós, lugar fundamental da construção da identidade de educadores e educandos, espaços privilegiados de afirmação da educação como processo permanente e inacabado de comunicação e libertação (ESCOLA, 2004, p. 3).

É objeto de reflexão marceliana, a pedagogia existencial, levando a necessidade de cultivar a consciência da condição misteriosa do ser humano. Cada pessoa humana tem sua própria forma de ser e se relacionar com os outros. No modo se relacionar, o ser está se formando constantemente e nessa relação ele revela a sua situação inacabada. Por isso, ser idêntico a si próprio, conhecer a si e ser o que se é significa ser coerente, pois o princípio, o centro e o fim - mesmo como essência - é sua existência.

É nesse mistério da essência que o homem se conhece e reconhece no ser. Na dimensão da transitoriedade dentro da existência da história acompanhada da atividade diária da pessoa como um vir a ser se dá em cada momento uma situação concreta, pois a educação acorda o ser para a noção passageira e relativa relação aos outros.

O que leva a definir que essa noção de natureza estática está superada, pois o ser está em busca constante, aberto em permanente direção da sua essência. Assim, o papel da educação e do professor de filosofia são brilhantes, pois educar é suscitar o eu.

Em Marcel, a educação é para liberdade e é só essa educação que pode reeducar as sociedades na restauração dos valores da autenticidade humana. Muitas liberdades foram perdidas pelo cultivo do sentimento de valores e da expressão da transcendência. A educação então é o despertar para a consciência de responsabilidade e de finitude, numa crescente preocupação consigo mesmo, com "o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida" (BRASIL, 2018, p. 15).

Quando se trata de temas da pedagogia, percebe-se que Marcel não reflete muito sobre eles, mas, ao mesmo tempo, ele traz importantes contribuições e preocupações para concretizar a formação do sujeito dentro da existência. Nesse sentido, quando se fala da filosofia da existência fala-se sobre a reflexão das verdades em si do ser do homem. Dizia Larroyo "a educação é um processo destinado a mostrar o efêmero e o fragmentário da existência, provocando no homem um ato de angústia perante o nada e descobrir deste modo a interioridade e a intimidade do homem" (1970, p. 871).

A existência é o ponto de partida tanto da filosofia quanto da pedagogia. O filosofar, assim, já acontece quando a pedagogia engloba todo o ser no seu autodescobrimento da existência, na totalidade infinita da pessoa humana, trazendo a revelação do caráter temporal da vida, implícito à consciência de responsabilidade.

É neste sentido que caracterizamos a pedagogia como processo existencial, e não como processo lógico independente do tempo. A fundamentação existencial da pedagogia radica, pois na compreensão temporal da existência humana. O homem não aprende apenas para viver, mas pra existir, e existir não é apenas viver. A noção de existência é o ponto de partida da pedagogia, como também é o ponto de partida da filosofia (SANTOS, 1951, p. 24).

Essa relação entre a pedagogia tradicional e a filosofia da existência é muito interessante porque no existencialismo o homem constitui o sujeito referencial da reflexão pedagógica. O homem é existente, encarnado e a caminho. E, assim, "não se pode captar a mensagem de um homem vivo, sem a teia de uma filosofia interposta" (MOUNIER, 1963, p. 197).

Percebe-se que a missão do professor de filosofia não está dentro de uma ciência esquematizada, mas sua preocupação é com o existente, com o homem em

situação, em formação do seu ser, numa constante procura da sua essência, como ser concreto e particular, como defendia o filósofo francês.

Sempre vale lembrar que, em Marcel, a verdade está inerente ao existir, não como verdade estática, “mas o caminho é que é a verdade, ou seja, a verdade não existe senão no futuro, no processo de apropriação e, assim sendo, não pode ser resultado” (MARCEL apud MOUNIER, 1963, p. 198). Como insistia Marcel: "O ser tem sentido de verbo – a existência está sendo – ou o sentimento de que é em situação" (1969, p. 194), não no sentido de substantivo, mas algo que se participa, envolve-se, coexistindo ao ser.

Sendo assim, a filosofia da existência está sempre superando a noção estática da natureza humana, até porque, em Marcel, ser é busca permanente, abertura permanente para o ser. "Como ser de presença, a relação do homem com o mundo é sempre livre, criativa, consciente e intencional" (SILVA, 2014, p. 345).

Como um viajante neste mundo, o homem tende a deixar sua marca, procurando deixar sua presença, querendo mudar e transformar, pois a dinâmica da existência é evoluir sempre. E a educação é uma das formas de evolução e de superação da natureza humana.

A educação integra numa unidade as dimensões individual e social do ser, de modo a constituir um único indivíduo, conectando o eu com os outros (tu). Desse modo à pessoa (eu) jamais se educa na perspectiva do racionalismo, do idealismo ou dos sociologismos, que restringem a educação aos condicionamentos sócio-culturais (BECKER, 2007, p. 84).

Refletindo sobre a educação, Marcel analisa a experiência subjetiva e percebe o que se vê hoje claramente: a degradação do humano pela massificação. Ele não acreditava ser possível a educação das massas, pois isso era uma própria contradição do sentido da educação. Para ele, só o indivíduo ou só a pessoa era educável. A educação em massificação era classificada como adestramento pelo filósofo francês.

Em Marcel, o educando é um ser em si (não no sentido do ser em si de Sartre). E assim, essa massificação na educação não responde aos seus anseios, pois sua dignidade é pessoal, ainda que as suas relações com o mundo e os seres

sejam inseparáveis, a sua existência concreta se dá com o centro e o fim da sua vida. Não à toa Marcel insiste em sua pedagogia existencial a necessidade de cultivar a consciência da condição misteriosa do ser humano. "Por essas relações o homem está sempre por se fazer" (DALLE NOGARE, 1994, p. 129), porque sempre está em situação e ainda inacabado.

Ao educando é oferecido um norte que vai conduzi-lo a saber o que vai fazer, de onde deve partir e quais seus encargos. É preciso dar aos alunos uma estrutura formativa que, como diz a BNCC, "em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu projeto de vida, no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos" (BRASIL, 2018, p. 463).

Ao educador cabe sugerir as atividades. Ao educando cabe cumpri-las. Isso é o contrário da concepção tecnicista da educação - que falará mais à frente neste trabalho - o qual se ensina ao outro a técnica que se sabe e não se busca, na maioria das vezes, a razão do porquê aquilo acontece. Na pedagogia existencial, o aluno é chamado a descobrir as respostas, podendo acrescentar "como são dadas as respostas, mas, mais que isso, de que outras maneiras elas poderiam ou deveriam ser dadas" (REZENDE, 1990, p. 11).

No plano de trabalho, o professor de filosofia, na pedagogia existencial faz muito "pouco", apenas inspira e desperta o educando a fazer, o que já é muita coisa. O professor de filosofia tem a missão de ficar em segundo plano ou na provocação, para não romper com a urgência da educação que é tornar o ser livre. Já o educando sempre permanece livre, até porque sua liberdade está relacionada com a consciência do seu próprio desenvolvimento. E essa liberdade realiza-se no educando quando ele pode escolher o caminho da sua realização. Como dizia Jolivet: "escolher existir pode ser bastante incômodo. Existir é opção" (1961, p. 50). Nesse sentido, sabendo que não há mágica para se aprender a existir, é preciso colocar a existência como escolha para o aluno, pois a meta é formar o homem com dignidade e autenticidade pessoal.

Definir o lugar de cada pessoa na educação se faz extremamente necessário porque são muitos os sistemas de ensino e da educação que se pode questionar, porque só olham a educação como lugar de desenvolver aptidões de conhecimento



científico, sem analisar e se preocupar com o ser integral e autêntico que o educando deve ter.

A maioria desses sistemas de educação não preparam o educando para a relação. Em geral, o mesmo acontece na sociedade, onde o clima de competição, rivalidade e corrida incessante pelo poder não possibilita um ambiente de abertura e de comunicação na formação para o ser dos cidadãos.

Isso é um grande problema que o professor enfrenta e que precisa ser solucionado urgentemente, pois com a influência das redes sociais, as relações estão cada vez mais superficiais e isso tem entrado nas famílias, nos trabalhos, nas escolas, em todos os âmbitos da sociedade.

Importa sublinhar que a comunicação educativa não poderá esquecer ou rasurar, por mais fascinante que pareça ser o mundo mediatizado e virtual da comunicação digital, a comunicação interpessoal, o diálogo pedagógico, cada vez mais reclamado numa sociedade ameaçada de desintegração por fenômenos como o individualismo ou o conflito (ESCOLA, 2003).

Essa comunicação que falta nesses sistemas é o que gera o sentido de relação do eu e tu. Por isso, Marcel insiste que o professor de filosofia educa a consciência de si pela exposição ao outro: “Ao expor a minha ideia, eu mesmo me transformo em outro, sou uma espécie de outro” (1969, p. 201). O aprendizado do tu e do nós, supõe o aprendizado do eu. Nesse sentido escreve Erich Fromm:

O homem, quanto mais ganha em liberdade, no sentido da emergência, de uma primitiva unidade confusa com os outros e a natureza, e na medida em que se transforma em indivíduo, tanto mais se vê na contingência de unir-se ao mundo na espontaneidade do amor e do trabalho criador (1971, p. 49).

Não se pode esquecer que a comunicação promovendo relação, gera alegria, que é sinal de vida. Tudo isso leva o ser a trabalhar a liberdade e confiança. Até porque quando a pessoa está alegre, ela sente a necessidade de compartilhar com os amigos e multiplicar a alegria para os outros.

E o mesmo acontece quando se está triste. O ser humano sente a necessidade de partilhar e dividir a sua tristeza e o seu sofrimento com quem ele

confia, fazendo o outro participar de sua vida e, assim, existe uma revelação de quem a pessoa é e uma reciprocidade em dar e receber o que o outro é também. Até porque "com o surgimento do *tu*, quebra-se o círculo de solidão e vazio o qual o eu se encontrava encarcerado" (SILVA, ESCOLA e RÖHR, 2017, p. 323) e revigora a alegria humana própria em cada pessoa quando não se sente só.

A educação desperta a consciência passageira e relativa em relação aos outros. Positivamente não devo só pensar em mim, mas sim nos outros. Há um sentido segundo o qual todos somos seres históricos, é dizer que viemos depois de outros seres, dos quais temos recebido muito. Pois, viemos também antes de outros seres, que se encontram em relação a nós numa situação comparável a que estamos colocados com respeito a nossos antecessores. Cientes de que as relações sempre são mais complexas (MARCEL, 1953, p. 204-205).

Tendo em vista tudo isso, Marcel estava certíssimo quando afirmava que comunicar "o sentir é um modo de participação entre os envolvidos" (1953, p. 106). Nesse sentido, desponta uma realidade de ordem pedagógica: "para a comunicação e a participação não convém fórmulas, que seria massificação" (MARCEL, 1951, p. 13). Supõe atitudes que propiciam ao educando condições de comunicação e de participação, visando "a humanização como crescimento coletivo do ser pela linguagem" (MARCEL, 1956, p. 52).

Dessa forma, pode-se falar em educação na liberdade e com liberdade, pois os projetos pedagógicos e a parte metodológica de organização da formação levam o educando a espaços e meios como possibilidades de escolha para uma adesão num ato livre, até porque a liberdade se propõe a aderir ou negar o ser livre. "A liberdade é um pressuposto ontológico de seu crescimento integral, o qual há de verse à luz do seu destino pessoal" (LARROYO, 1970, p. 872).

Outra coisa que não se pode olvidar é que uma verdadeira educação inspira-se no método socrático da interrogação, levando o educando a se questionar sobre si, sobre sua existência e sobre seus princípios, provocando-o a avaliar sua essência, liberdade e responsabilidade, sempre estimulando-o para a ação, mas não como um ponto de chegada, e sim como reorientação na busca permanente do ser. Até porque sempre o ponto de chegada, a essência do homem, é um caminho

progressivo, um espaço aberto na busca do vir a ser ou um ser mais, até a inacabável plenitude da essência, na liberdade do seu projeto e transcendência.

Eis que o professor de filosofia está nesse caminho em marcha na direção almejada que não tem um resultado conhecido. Sempre trazendo a tônica que a essência que se busca constitui-se num mistério. E nesse percurso, o homem se conhece e se reconhece no ser. Sendo assim, nem se pode abandonar a busca, nem se pode esquecer a dimensão do mistério. “É característico da filosofia de Marcel, não admitir que os resultados podem ser separados do processo por meio do qual se os alcança” (MORA, 1984, p. 2102).

Não deve ser a primeira ocupação do professor de filosofia elaborar as aulas, mas suscitar no educando o seu eu, como ser inacabado, livre, finito e efêmero que, logicamente é responsável na existência. Hoje o que mais se vê é que os professores de filosofia caíram na mesma perspectiva dos outros professores que estão presos a preparação de aulas, com finalidades estáticas, abstratas e massificantes.

É missão do professor de filosofia centrar-se fundamentalmente na contemplação da singularidade do aluno, procurando pistas de ação concreta, em realidades existentes no dia a dia. Até porque, a educação em Marcel, deve ser concreta, com a proposta de levar o aluno à sua realidade, coisa que se encontra grande semelhança com a BNCC, quando insiste na orientação de um projeto de vida para os alunos.

Ao se orientar para a construção do projeto de vida, a escola que acolhe as juventudes assume o compromisso com a formação integral dos estudantes, uma vez que promove seu desenvolvimento pessoal e social, por meio da consolidação e construção de conhecimentos, representações e valores que incidirão sobre seus processos de tomada de decisão ao longo da vida. Dessa maneira, o projeto de vida é o que os estudantes almejam, projetam e redefinem para si ao longo de sua trajetória, uma construção que acompanha o desenvolvimento da(s) identidade(s), em contextos atravessados por uma cultura e por demandas sociais que se articulam, ora para promover, ora para constranger seus desejos (BRASIL, 2018, p. 472-473)

Com isso, não se deseja jamais diminuir os recursos didáticos que se tem: material escolar, planejamento, sites bem elaborados... Tudo isso serve como

elemento integralizado pelo falar, ler, escrever, observar e experimentar no existencial, sempre na perspectiva de o educando experimentar a autoestima de usar o aprendizado, capacitado para a comunicação e partilha com os outros.

É preciso, com isso, que o educando entenda que ele é o responsável pelo crescimento de sua formação em todos os níveis. O professor de filosofia é um suscitador, aquele que traça os passos, conduz no caminho a partir de outras experiências, “seguindo certas pistas, no entanto inexploradas, ou como um caminho em rastros descontínuos, reconstruindo uma espécie de itinerário” (MARCEL, 1953, p. 15).

No entanto, é o educando que caminha e se interroga sobre a sua existência. Isso é educar de verdade. “Educar é levar o homem ao contato consigo mesmo, ao seu autoconhecimento, à sua autópsia, a busca do único absoluto horizonte da vida humana: a autenticidade” (SANTOS, 1951, p. 34).

O famoso vir a ser que tanto se fala deixa óbvio que o educando não pode ser um cadáver morto, nem uma razão abstrata, mas um ser em formação, existência humana, individual e concreta, que não transfere a função pensante, até porque isso é impossível.

Com relação a isso, já dizia Hegel: "Cada um tem que pensar por si; nenhum pode pensar por outro" (1830, p. 80). E aqui a existência humana se diferencia das demais pela realidade assumida e protagonizada, pelo constante chegar a ser, não como resultado de uma pesquisa, mas como um projeto inacabado, ainda que em situação (crer/sendo).

A iniciativa de se interrogar conduz a consciência do inacabado diante do ideal de ser. Daí uma das razões mais importantes da educação no existencialismo: induzir o homem à consciência de ser, ainda que inacabado, envolvido num mistério obscuramente percebido. Na perspectiva do existir, o homem não se contenta com fatos, mas atribuindo-lhes sentido e transcendência como meios de humanização, na forma coletiva de crescimento no ser. Atribuir sentido, como forma interior de ser, é uma atitude de reconhecimento do ser pelo recolhimento, pela meditação. É um ampliar do caminho da auto-afirmação do ser, com desprendimento do ter (exterior) para o ser (interior), como uma unidade de sujeito (STEFANELLO, 1976, p. 40-41).

Como se vê, não é tarefa fácil educar e ser professor de filosofia. Marcel sempre lutou para que ficasse muito claro que “o primeiro dever do filósofo no mundo hoje consiste em combater o fanatismo sob qualquer forma que ele se apresente” (MARCEL, 1991, p. 76). E ele explica tudo isso, transcrevendo uma longa passagem de Jules Lagneau:

Determinando o nosso pensamento, encerrando-o em fórmulas precisas, devemos tomar cuidado para não nos confinarmos nelas. Pensaremos que a servidão das palavras está na raiz do fanatismo, e que se ele destrói a liberdade é porque procede duma servidão. Pensaremos que as ideias só têm vida se o espírito lhe conserva, julgando-as sempre, quer dizer, mantendo-se mais alto, e que elas deixam de ser boas e até que cessem mesmo de ser ideias quando elas deixam de ser a base sólida e a expressão em ato da liberdade interior. O fanatismo nos será, portanto, estranho; ele é o inimigo, e não passaremos para o lado do inimigo; ele é o mal, não o semearemos, mas semearemos aquilo que queremos colher. Agiremos com calma e constância em torno de nós, mostrando, na vida cotidiana, o espírito que nos anima e opondo-o a qualquer espírito que não seja puramente razoável e puramente generoso (1964, p. 31).

Marcel e muitos outros filósofos, inclusive franceses, já começaram a perceber que havia uma necessidade de uma filosofia da história da filosofia. O que tem feito a filosofia ser vista como uma disciplina chata é que muitos professores de filosofia resumiram suas aulas a expor uma multiplicidade de filósofos e pensamentos como uma vitrine que está expondo produtos à venda. O que é um absurdo, pois

ensinar não é mobiliar espaços desnudados e inertes com umas quantas fórmulas sacramentais de salvífico efeito garantido, erigindo o respectivo papagueio em retumbante sinal exterior de sucesso educativo, susceptível de concitar o generalizado aplauso e a embevecida satisfação dos espíritos circundantes, destarte tranquilizados e até mesmo ufanos (MOURA, 2022, p. 19).

É urgente que o professor de filosofia repense e faça uma filosofia do ensino da filosofia para que sua aula não se resuma a resumo de obras de filósofos que não levam os alunos a uma experiência existencial. É preciso levar os alunos a uma viagem com os filósofos e com suas obras num espírito de inquietude e não apenas dar informações.

O professor de filosofia não pode simplificar o exercício do seu magistério a resumir conceitos, transformando-os em verbetes, sintetizando frases e fórmulas

para o aluno decorar. Ele precisa cofazer a experiência filosófica do filósofo, numa obra de filosofia, encarnando-a a filosofia verdadeira no seu labor. Até porque qual foi o filósofo clássico que passou seu tempo imperando nos falatórios dos outros? Nenhum. Um verdadeiro professor de filosofia não provoca ruído e embrutecimento, mas logos.

Que fique bem claro, se o professor de filosofia não faz a experiência de encarnar a experiência do filósofo e de sua obra, ele é apenas um professor de história da filosofia historiograficamente, burlando, assim, a linda e maravilhosa aventura do pensar, que é uma das maiores características dos filósofos e que é a missão ímpar do professor com seu educando: ajudá-lo a querer sair da caverna, estimulá-lo ao exercício do filosofar para ganhar preparo físico filosófico.

O filósofo fiel nunca cederá. [...] Certamente um filósofo “deve” conhecer a história da filosofia, mas, na minha opinião, quase exatamente no sentido de que um compositor deve conhecer a harmonia; isto é, possuir equipamento sem nunca dele ser escravo. A partir do momento em que for escravo, ele não é mais um criador, ele não é mais um artista. Da mesma forma, o filósofo que capitulou a história da filosofia não é um filósofo. Eu até acrescentaria - e essa é uma diferença importante - que quem não experimentou um problema filosófico, que não foi acolhido por ele, não pode de maneira alguma compreender o que esse problema significou para aqueles que o experimentaram antes dele: nesse sentido, as posições são invertidas e a história da filosofia pressupõe a filosofia, e não vice-versa (MARCEL, 1999, p. 95-96).

Ensinar a filosofia como conceitos e resumos longe do filosofar, relatando filósofos de variados momentos da história não leva jamais o aluno a ser um estudante de filosofia ou amante do saber, porque isso não entusiasma, não o espanta (no sentido filosófico do termo), não o apaixona, porque ele não quer conhecer só os resultados, antes ele precisa ter ciência de como foram gerados e criados. Como lembrava Aristóteles: "em todo caso, há que filosofar" (1958, p. 27). Até porque, como insiste o pensamento marcelino, a filosofia não é um objeto, uma coisa, mas uma experiência.

O que se pode esperar da filosofia?”. Em primeiro lugar [respondendo a objeção retratada nessa pergunta] acredito que se deve fazer justiça de uma vez por todas à imagem que mais ou menos diretamente se apresenta na consciência daqueles que formulam semelhante objeção. Esta imagem parece ser a de uma vitrine onde as diversas filosofias se encontrassem umas ao lado das outras, vendo-se o cliente forçado a escolher entre elas. Um dos benefícios mais seguros de uma reflexão apoiada sobre a história

consiste justamente em demonstrar que uma comparação assim é absurda, posto que tal comparação só é possível para os objetos, para as coisas; e precisamente uma filosofia não pode nunca ser tratada desta forma, pois constitui em certo modo uma experiência (MARCEL, 1971, p. 29).

No entanto, só existe uma experiência se alguém experimenta. Ou seja, se alguém se abre para ser acolhido e abraçado por ela. Assim também acontece com a filosofia. Não é a história da filosofia que conduz para a filosofia, mas é a filosofia que já se dá na história da filosofia. Em outras palavras, cuidado para não tirar o filosofar da filosofia. Kant já admoestava: "não se aprende filosofia, mas a filosofar" (KANT, 2001, p. 659-660).

Um professor de filosofia da educação básica precisa dominar bem a história da filosofia. Todavia, há um perigo em achar que algo do exterior a filosofia facilita sua introdução. Marcel é muito crítico com relação a isso. Para ele, a informação sobre a cultura, a mitologia, a literatura não ajuda em nada, pois só a filosofia introduz a própria filosofia. E por isso só se faz história da filosofia se já se estiver na filosofia.

Em Marcel, para acontecer a filosofia de verdade deve existir dois elementos: o subjetivo ou existencial e o objetivo. Na dimensão subjetiva, deve existir o testemunho pessoal ou vocação. Os educandos precisam ver isso no seu professor de filosofia. Na dimensão objetiva, é preciso ter a confrontação com os grandes filósofos da história da filosofia.

Sendo assim, como a filosofia é uma experiência dramática que precisa ser possibilitada, conquistada e apropriada, o uso das técnicas, com os recursos audiovisuais, informática, podem até ser fonte de enriquecimento, mas só se conduzem o sujeito ao seu interior, com a presença do mundo exterior em sua relação.

Portanto, ainda que muitos queiram acreditar ou imaginem num futuro essa realidade, sabe-se muito bem que "nunca haverá uma máquina capaz de interrogar-se sobre as condições de possibilidade e os limites de sua eficácia" (MARCEL, 1951, p. 11). Para refletir mais sobre esse assunto, abordar-se-á o próximo tópico sobre essa relação entre filosofia e tecnologia.

#### 4.4 FILOSOFIA E TECNOLOGIA

Atualmente é muito difícil encontrar alguém que negue o avanço da tecnologia ou que afirme que sua existência não serve para nada. Um professor de filosofia também não dá para viver reclamando da tecnologia ou não se abrindo a realidade da mesma. Isso é século XXI e não é possível negá-lo, além do que, a técnica traz muitos benefícios e Marcel não demoniza a técnica:

Repita-se, com insistência que não faria sentido considerar a técnica em geral ou uma técnica em particular afetada em si mesma de um índice negativo. Seria até mais exato dizer que, a rigor, uma técnica em si mesma é boa, por encarnar certa potência autêntica da razão, ou por introduzir na desordem aparente das coisas um princípio de inteligibilidade (MARCEL, 1951a, p. 46-47).

Basta olhar o contexto em que Marcel viveu para se perceber o quanto a influência da técnica já ia se tornando presente com a emergência e a influência do cinema, do rádio, da televisão e da propaganda, formando a comunicação de massa, infelizmente propagando a alienação contra a dignidade do ser humano.

O que não se pode negar é que apesar do grande valor da técnica e do seu significado para o ser humano, logicamente ela pode se degradar e se perverter. Um simples olhar para a Segunda Guerra Mundial na vivência de Marcel revela que "estes mecanismos de persuasão das consciências transformaram a existência humana num processo de produção e consumo, que resultou na obliteração do agir livre e da capacidade de o homem fazer-se autenticamente" (SILVA, ESCOLA E RÖHR, 2015, p. 96). Isso é cada vez mais compreensível até porque o que está por trás de cada técnica e tecnologia é o interesse particular de alguém ou de algum grupo que a pensou:

Lembremos esta verdade conexa: o êxito técnico surge cada vez mais como o sinal mais importante, se não único da superioridade humana, em um mundo absurdo ou informe. É certo que poderia haver nisto uma reivindicação prometeica não destituída da grandeza em si própria; mas degrada-se e perverte-se ao nível do consumidor (MARCEL, 1951a, p. 47).



Marcel sempre afirmou que o progresso técnico, perverte o ser humano no nível do consumo. Hoje se vê claramente que o ressentimento e a inveja se centram nos objetos que o consumismo coloca como fundamento da felicidade. E, nesse sentido, professor de filosofia tem que ter a coragem de analisar essa realidade e saber levar os alunos a uma compreensão melhor a respeito dessa idolatria aliada a técnica e tecnologia.

A verdade é que os progressos da técnica expõem cada vez mais o homem à tentação de atribuir aos seus êxitos um valor intrínseco que não podem ter, de modo algum. Poderia dizer-se simplesmente que o progresso técnico expõe o homem ao perigo da idolatria (MARCEL, 1951a, p. 50).

Com isso, não se trata de incriminar as técnicas em si, pois quando elas preenchem as lacunas humanas e auxiliam o ser e cumprem seu papel, sua função, têm um objetivo louvável, porque não estão reivindicando nenhum primado do ser sobre o fazer.

Marcel diz que: "deve-se declarar, neste sentido, que a estatização da ciência e da técnica é das piores calamidades do nosso tempo" (MARCEL, 1951a, p. 63). Assim, pode-se afirmar que um grande problema do mundo da técnica é que a vida é cada vez menos amada e mais desprezada. "A vida é cada vez menos vista como uma bênção" (MARCEL, 2010, p. 14).

O que se pode verdadeiramente parar e se perguntar é: quantos meios de informação existem e porque se encontram tantas pessoas desinformadas? Por que tanta pesquisa científica e tanto relativismo imperando e não o anseio pela busca da verdade? E se não há uma verdade, então para quê tanta pesquisa, se cada pessoa pode ter sua opinião como verdade absoluta? Uma coisa é fato, o homem de hoje sente que consegue fazer tudo, que a ciência responde a todas as suas perguntas, mas não é bem isso que se vê por aí a fora.

Ao mesmo tempo que o progresso científico e um certo cientificismo parecem dar toda segurança e resposta ao homem, levando-o a autossuficiência (pensar por si mesmo, realizar tudo que queria...), percebe-se claramente que essa felicidade plena que é pregada por esse arcabouço da tecnologia não é o que se encontra nos serviços de psicoterapia e escuta espalhados pelo mundo. Como diz Carvalho:

Reconhecem-se os avanços tecnológicos, bem como os benefícios destes para a vida em sociedade. Apesar disso, percebe-se que o homem atual, por si mesmo, ainda não pôde responder à grande pergunta sobre o sentido da vida. Não conseguiu saber, por si mesmo, qual é o seu lugar neste caminho da história. Parece “preso” no muro da autonomia científica sentindo-se, por um lado, autossuficiente, mas, por outro, cada vez mais desamparado, sozinho, sem sentido, demonstrando dificuldade para ver além das coisas, das aparências, do consumismo desenfreado. Parece não saber como sair do conflito dessa situação, na qual se encontra em tensão entre sua resposta e a resposta dos outros (2017, p. 10).

Isso sim é uma crise dos tempos modernos, em que o homem atual, como diz Marcel, está em agonia. Não a agonia dos gregos que procuram as respostas sobre a natureza, sobre o que movia o mundo e os seus movimentos, mas uma agonia triste, ligada ao desespero por não ver esperança no seu existir:

Cerca de três quartos de século depois da afirmação de Nietzsche: - Deus está morto – outra afirmação, menos proferida do que murmurada na angústia, agora lhe faz eco: o homem está em agonia. Dizer que o homem está na agonia não é julgá-lo em presença de um acontecimento exterior, como por exemplo a destruição da Terra por um cataclismo sideral, mas perante possibilidades de destruição completa de si mesmo, existentes nele, desde que faça mau uso, uso ímpio de suas capacidades. Podemos pensar aqui tanto na arma atômica como nas técnicas de aviltamento (*avilissement*) tais quais foram e são usadas nos Estados totalitários sem exceção (MARCEL, 1951b, p. 17-18).

Essa constatação de que o homem está em agonia poderia e deveria levar o homem a encontrar-se com Deus, o Deus vivo e não morte de Deus que Nietzsche afirmou e que tem levado muitos jovens a concordar, por não terem tido um bom professor de filosofia que o levasse a, no mínimo, perguntar o que está por trás dessa mentalidade nietzschiana:

Penso que, ao filósofo digno da sua missão, incumbiria combater diretamente as forças desonestas (*sournoises*) que tendem à neutralização do passado e pela sua ação conjugada suscitam o que chamarei insularização (*l'insularisation*) temporal do homem contemporâneo. Neste, como em muitos outros aspectos, penso que deveria restaurar-se a unidade de visão poética e da criação filosófica de que os grandes pré-socráticos nos dão alguns dos primeiros exemplos conhecidos (MARCEL, 1955, p. 34-35).

Mesmo assim, essa realidade de adeptos irracionais à morte de Deus nietzschiano não significa que a técnica seja expressão do pecado. Seria ilógico ver

na técnica - que cumprindo sua missão é espetacular - uma aversão a Deus. Até porque a técnica é fruto da inteligência humana, e essa é iluminada por Deus. Ou seja, há um elemento do Sagrado na técnica. O problema e até se pode chamar de doença é que hoje qualquer motivo em que há uma fraqueza da técnica, há uma mentalidade que o mundo regressou à barbárie.

É notório e ninguém pode negar que a grande crise do homem hoje é a crise metafísica. Com esse avanço gigantesco da ciência e da tecnologia gerou-se homens com mentalidade de um cientificismo arcaico. Literalmente evaporou-se a humanidade do homem, tornando-o um objeto, às vezes objeto ou refém da própria tecnologia que ele criou e que tem servido para destruir as suas famílias. Como diz Marcel: "onde se coloca como o inicial absoluto da tecnologia, desenvolve-se inevitavelmente um processo de dessacralização que ataca a vida e todas as suas manifestações, particularmente a família e tudo o que a ela se relaciona" (2010, p. 17).

Nesse sentido, Marcel configura a técnica ao idealismo racionalista, pois a técnica quer assegurar ao homem um domínio de um objeto e é próprio de qualquer técnica dominar ou tomar posse de algo, até porque a ciência hoje é resumida assim: um conjunto de processos metodicamente elaborados. Por isso, podem ser divulgados e propagados, onde se encontra uma certa especificação da razão e toda atualização se faz possível porque há um determinado fim concreto. Fim esse que a tecnologia jamais aceitaria como mistério.

E quando o homem tenta esse desenvolvimento desenfreado sem colocar os limites do conhecimento, o que era próprio também do idealismo e racionalismo, ele adoece, porque se vê infeliz num beco sem saída que esbarra em um muro que diz: daqui para frente você não vai, e isso leva-o a angústia existencial. É o que opina Marcel do tipo de câncer. "O tipo de câncer generalizado que a burocracia constitui em quase toda parte só é possível através desse tipo de degradação e é muito difícil, é até impossível ver como esse mal pode ser evitado" (MARCEL, 2010, p. 18).

O «homem técnico» que investiga, descobre e realiza tem todo o direito à celebração da alegria, da alegria íntima, incompatível com o gozo fáustico. Marcel, porém, preocupa-se mais com a tecnomania do que com a técnica propriamente dita. As grandes conquistas da técnica apresentam-se-lhe com uma radical ambiguidade. Com que preço tem sido pagas? O homem não é considerado tanto como espírito, quanto como capacidade técnica, como inteligência

ordenadora dum mundo de que tenta livrar-se. Faltando-lhe o esforço de síntese e de visão total, único manancial de inteligibilidade, o mundo será problema indecifrável para uma mente tecnicizada (TEIXEIRA, 1978, 62-63).

É inegável que quanto mais o homem se aperfeiçoa nas técnicas, tanto mais o sujeito particular se torna escravo delas. Existe um efeito contrário na relação entre homem e tecnologia, porque a medida que a tecnologia progride e avança, mas o homem diminui o esforço reflexivo e o questionamento do homem, o que o leva ao comodismo de respostas prontas para quaisquer perguntas.

Sendo assim, a única solução se o ser não quiser ser subjugado pelo objeto, diante desse paralelismo entre o progresso da técnica e o progresso da objetivação, do problemático, o metaproblemático que se torna metatécnico é a conquista do interior. "É a interioridade que se recupera aqui, por um ato do qual não se deve dizer apenas que é livre, mas que é a própria liberdade" (MARCEL, 2010, p. 20)

O ser humano precisa lutar por essa vida interior, por essa liberdade, não pode aceitar que essa técnica possa desumanizá-lo, tirando-lhe o que é próprio de sua existência; as raízes da verdadeira alegria, incompatível com os atentados à contemplação e à reflexão.

Hoje, infelizmente, até um mal moral é confundido com um erro técnico. E essa visão tecnológica, muitas vezes tirânica, traz a tristeza, porque não é capaz de gerar alegria e esperança. Quando as técnicas se mostram ineficazes na vida das pessoas começa a existir uma presença da morte.

Nesse aspecto, a filosofia marceliana precisa ser cada vez mais difundida, pois ela tem duas grandes missões: além de partir da vida concreta também é um chamado a dar respostas para a questão do sentido mais profundo da vida, o que leva a filosofia de Marcel não se restringir unicamente a questão meramente acadêmica.

Marcel foi muito sábio ao identificar que a vida não é amada e que isso acontece cada vez mais por ver que o sentido sobrenatural não se mantém e é justamente aqui que entra o papel do professor de filosofia, que estando nesse contexto não pode passar na vida dos alunos sem fazê-los perceber que foi quebrado um elo nupcial entre o homem e a vida e que é preciso restituir isso para

que o ser não esteja entregue a essa doença que se vê, onde nada se parece menos com o amor à vida do que o gosto doentio do prazer instantâneo (consumismo, hedonismo...).

Ao professor de filosofia cabe seguir fielmente sua missão, fazer com que seus alunos reascendam o amor à vida, para que os alunos não estejam entregues a essa visão imediatista da existência, como diz o próprio Marcel: “A questão dominante é hoje a de saber como pode reatar-se a ligação, como reacender o amor da vida em seres que parece não o sentirem de modo algum” (MARCEL, 1951, p. 140). Dessa crise de valores não é possível sair, sem ver o que está fora dela.

que deve entender-se por crise dos valores? O terrível mal-estar espiritual da humanidade (falo em especial, da Europa e da Ásia, mas talvez da América, tanto quanto ela se liga ainda diretamente à Europa), resulta de estar produzindo uma espécie de transvalorização maciça, ou o que podia chamar-se mais simplesmente uma mudança completa de horizonte espiritual (MARCEL, 1951, p. 122).

Se alguém perguntar qual é o gerador dessa crise, teriam inúmeros fatores, mas esta redução dá vida ao imediatamente vivido e a vitória da técnica também é uma promoção do cinema, do rádio, da mídia em geral que ao invés de construir uma sociedade alicerçada na esperança de dias melhores, tem feito dos noticiários apenas desastres ao coração humano já ferido por tantas dores existenciais. Marcel vendo isso iniciando já preconizava o papel do professor de filosofia quando insistia sobre a verdadeira filosofia dos valores:

uma filosofia dos valores erra ao empregar um termo que, irresistivelmente, evoca ideias de medida, portanto, de escolha, para designar uma coisa de ordem inteiramente diversa. Entretanto, não cedamos à tentação de objetar, de coisificar o que se discute: há uma perspectiva central de onde deve considerar-se o que, impropriamente, chamamos valor; e é essa perspectiva que devemos examinar primeiro [...] insistamos em que a palavra inglesa work tem o sentido de valor e é diretamente aparentada com a palavra wert que em alemão é o termo técnico. Suponhamos que o conferencista fica quase áfono (aphone); o seu valor, irá diminuindo e, no limite, não valerá coisa alguma. Mas o valor assim figurado fica nas imediações do rendimento e da função (MARCEL, 1951, p. 129-130).

É preciso urgentemente tirar o homem desse beco sem saída, levando-o a refletir sobre o sentido da sua vida, o mistério que existe e que o homem não se torna menos humano por não conseguir decodificar tudo, revalorizar a característica

de especular as coisas que é próprio do ser animal racional, sem esquecer do seu recolhimento inerente a sua existência. Só assim, nascerá um humilde testemunho de realidades transcendentais. E uma das formas de melhorar essa situação é com a presença de uma religião autêntica.

Tendo já acenado à técnica e à tecnomania como factores de desumanização, importa agora referir em que medida elas podem ser igualmente factores de irreligiosidade. A religião, se autêntica, ou seja, enquanto se opõe à magia, é o contrário de toda a técnica pois funda uma ordem de coisas onde o sujeito é incapaz de manipular as realidades que lhe são propostas, realidades que, de direito, lhe escapam, embora não sejam alheias ao seu ser mais profundo. Entre o ser e a alma instaura-se um intervalo, o intervalo da transcendência do ser. A mentalidade técnica anula este intervalo, postulando um terreno onde não caibam nem transcendência nem inverificabilidade, o que logicamente conduz ao racionalismo e, conseqüentemente, à negação religiosa. Se as técnicas prevalecem sobre a actividade espiritual, só resta ao homem o sentimento do prazer, da dor, da pena, do esforço. No reino da tecnomania florescem algumas perversões típicas do nosso tempo, entre as quais podemos salientar o orgulho, a angústia, o desespero e o tédio (TEIXEIRA, 1978, p. 74).

Por fim, o objeto da filosofia ou o objeto da investigação, segundo Marcel, é o próprio investigador, não simplesmente porque ele é um ser, mas porque é o primeiro ser que ele encontra em sua própria e imediata experiência no mundo. Por isso, a primeira preocupação da filosofia é este fato. Pode-se dizer, com isso, que a existência no mundo e a filosofia devem ser existencialistas. Em segundo lugar, como a sociedade está ligada a técnica e é por ela desenvolvida, aliena a singularidade autêntica e com sua massificação causa a perda da realidade original.

## 5 CONCLUSÕES

Este trabalho foi escrito com o desejo de chamar o leitor a conhecer cada vez mais uma voz que pode ajudar a população do século XXI a entender melhor seu contexto e superar as dificuldades que são encontradas. Gabriel Marcel é essa voz que grita anunciando ao mundo que o ser humano e a filosofia precisam ser repensadas para andarem juntas novamente e sempre.

Percebe-se claramente que o mundo hoje está imerso em várias crises. Seria ilógico colocar a culpa em um só fenômeno, pois tudo que existe faz parte de um conjunto de processos que vem acontecendo ao longo de dias, meses, anos, séculos e milênios passados na história.

É realmente fato que um dos pontos cruciais da crise do ser humano tem sido a redução da dimensão de mistério. Hoje as coisas vividas e divididas entre as pessoas são ligadas a problemas, sendo estes baseados em um mundo literalmente empírico e criador de soluções técnicas e tecnológicas para tudo, analisando-se com isso que quando não se encontram as soluções para esses problemas, o ser humano se entrega a angústia e ao desespero por não ver esperança em dias melhores.

Paralelamente a isso, encontra-se a busca desenfreada pelo prazer. O famoso hedonismo que prevaleceu como sistema filosófico em muitos momentos da história, hoje tem muita força, quando aliado a técnica e a tecnologia colocam o consumismo como fonte de felicidade. E mais uma vez, o homem não sendo possuidor dele mesmo, encontra-se limitado trabalhando para ter o que lhe preenche e nunca conseguindo ser o que realmente deveria ser: ele mesmo.

Nessa busca insistente por uma felicidade inalcançável pelo consumismo, globalização e facilidade da informação, tem ganhado força em muitos seres humanos um espírito que tem destruído o próprio ser: o espírito de curiosidade. Na antiguidade, os filósofos começaram pelo espanto, pela curiosidade, mas nelas não paravam. Eles davam passos trazendo nessa curiosidade o espírito de inquietude. Ou seja, havia um desejo de encontrar a verdade que parece não existir mais. Hoje, com o avanço das fakes news, o ser humano literalmente tem ficado preso a

curiosidade por conhecer a manchete, acreditar no que aparece, ficar com a notícia mais fácil. O ser tem ficado paralisado pelo espírito da curiosidade e não tem tido coragem como os filósofos anteriores de lutar e batalhar diariamente para encontrar a explicação para o fato, ou como trabalhava Aristóteles, para ir atrás das causas necessárias que formam o conhecimento.

Tudo isso e muito mais está ligado ao fato do homem está preso ao espírito de abstração que leva qualquer pessoa a fanatização, a ilusão de pensar como a massa, destruindo assim a noção e a perspectiva de individualidade, de singularidade ou de existencialidade de cada pessoa.

Não é à toa que Marcel dedica sua reflexão sobre a conquista do concreto e o peso ontológico da experiência, no sentido de que o ser humano precisa ser o que realmente é. Tema muito sugestivo para este momento da história que as pessoas têm criado modelos desnecessários a ser seguidos: os influencers.

A vida hoje tem sido regida pelos likes das redes sociais. Inacreditável, mas é a verdade, precisa-se não só postar, mas saber quantas curtidas já chegaram. Fato é que o reconhecimento e a felicidade das pessoas estão no que os outros dizem, falam, curtem sobre o alguém e não no óbvio da vida humana que é a encarnação como dado primeiro da metafísica. A felicidade e realização do ser humano precisam voltar a ser pensada como o eu em situação a se realizar consigo, com o outro e com o transcendente e não com a vida aparente demonstrada na internet, colocando o homem como um seguidor, um número puramente quantificável.

Tudo isso e muito mais esbarra na necessidade de uma verdadeira filosofia. Essa filosofia é um tema importantíssimo que este trabalho faz questão de expor, deixando claro que enquanto a filosofia não ocupar seu lugar será muito difícil o ser humano se libertar dessas amarras próprias da vida presente.

A filosofia na educação precisa voltar a ser um exercício filosófico livre e não um peso na vida dos professores - que precisam fechar as burocracias institucionais - e dos educandos que precisam decorar os assuntos para passar nos exames que "medem" a potencialidade da razão e futuro deles em questão.

O filósofo não pode ser um eremita, um especialista ou um criador de frases interessantes para stories. A filosofia precisa dar sentido à vida humana. Precisa



estar próxima para saber quais são as necessidades do momento, mas não pode se contaminar com a proximidade que leva a pessoa a fazer parte da massa e, nesse sentido, a educação se torna adestramento e não esforço diário para realização na direção ao ser.

A missão da filosofia é combater todo e qualquer fanatismo e, por isso, o professor de filosofia precisa inspirar e despertar o aluno a ser protagonista da sua vida e não mero espectador que espera o nascer, o viver e o morrer, sem escolher o seu caminho de realização que consiste na formação da sua dignidade e autenticidade pessoal.

Para que tudo isso se concretize, precisa-se de uma viagem, onde o homem é levado ao seu interior, como bem fazia o filósofo que não pode ser esquecido: Sócrates. Essa viagem ao interior e realização do ser hoje pode ser auxiliada pela técnica e tecnologia que não colocadas como idolatria, preenchem as lacunas humanas e ajudam o homem a crescer.

Por fim, quando Marcel tocou na crise da metafísica, sendo essa "busca daquilo que é, do ser, cumprida por cada um por conta própria na busca da verdade, elevada a valor vital, isto é, algo de vivido, fruto de uma experiência pessoal" (MONDIN, 1980, p, 230), alertava para a ilusão da felicidade ligada à conquista do avanço técnico. Ele estava certo e isso precisa ser dito mais uma vez: se a técnica não cumpre seu papel, ela avança e o homem regride, porque diminui o esforço reflexivo do ser, tornando-o puramente acomodado. Aqui entra urgentemente o papel da filosofia como forma de reacender o amor à vida nas pessoas e não deixar o ser humano ser levado pela visão imediatista da existência.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO SILVA, Marcos Érico; CAMINHA, Iraquitã. **A filosofia concreta de Gabriel Marcel: por uma filosofia da história da filosofia e uma filosofia do ensino da filosofia**. Trilhas Filosóficas, Caicó, ano 12, n. 3, Edição Especial, 2019, p. 169-184 - ISSN 1984-5561. Dossiê em Comemoração aos 130 anos do Nascimento de Gabriel Marcel.

ARISTÓTELES. **Protréptico - Fragmenta Selecta**, ed. W. D. Ross, Oxford, At the Clarendon Press, 1958.

AZEVEDO, J. A. **Do cogito ao credo: a filosofia de Gabriel Marcel como preambulum fidei**. Trilhas Filosóficas, Caicó, ano 12, n. 3, Edição Especial, 2019, p. 61-81 - ISSN 1984-5561. Dossiê em Comemoração aos 130 anos do Nascimento de Gabriel Marcel.

\_\_\_\_\_. **O Mistério da Encarnação em Gabriel Marcel**. Argumentos, Ano 2, Nº 4, 2010.

BEATO, J. M. **Encarnação, atestação e esperança: Paul Ricoeur, leitor de Gabriel Marcel**. Universidade de Coimbra, 2016.

\_\_\_\_\_. **Tornar-se naquele que se é: figuras Marcelianas do caminho para si mesmo**. Trilhas Filosóficas, Caicó, ano 12, n. 3, Edição Especial, 2019, p. 127-140 - ISSN 1984-5561. Dossiê em Comemoração aos 130 anos do Nascimento de Gabriel Marcel.

BECKER, Julci Stefano. **Gabriel Marcel e a formação na perspectiva do ser**. (Dissertação de Mestrado). Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CARMONA, F. B. **La filosofía de Gabriel Marcel: de la dialéctica a la invocación**. Madri: Encuentro, 1988.

CARVALHO, G. O. **A esperança no tu absoluto como fonte suprema de consistência e sentido da vida na filosofia de Gabriel Marcel**. (Tese de Doutorado em Ciência da Religião). PUC-SP, 2017.

DALLE NOGARE, Pedro. **Humanismos e Anti-Humanismos. Introdução à Antropologia Filosófica**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DESCARTES, René. **O Discurso do Método**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

ESCOLA, Joaquim. **Comunicação e Educação em Gabriel Marcel**. (Tese de Doutorado apresentada na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro). Portugal: Vila Real, 2003.

\_\_\_\_\_. **Paulo Freire e Gabriel Marcel. Esboço de uma pedagogia da comunicação na era da informação.** Artigo apresentado no Círculos de Discussão Temática - Estudos Freireanos I, no IV Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, realizado na cidade do Porto, em Portugal, durante os dias 19 e 22 de setembro de 2004.

\_\_\_\_\_. **Ensinar a aprender na Sociedade do Conhecimento.** Livro de ACTAS - 4º SOPCOM, 2005.

FREIRE, P. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FROMM, Erich. **El miedo a la libertad.** Buenos Aires: Paidós, 1971.

GARAUDY, Roger. **Perspectivas do homem: existencialismo, pensamento católico e marxismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

GILSON, Étienne. **El ser e la essência.** Buenos Aires: Desclée, de Brouwer, 1951.

GILSON, E; DELHOMME, J (et al). **Existentialisme Chrétien: Gabriel Marcel.** Paris: Plon, 1949.

GOMES, Paulo de Tarso. **Gabriel Marcel: A filosofia da existência como Neo-Socratismo.** Artigo apresentado a Reflexão, Campinas, 32 (91). p. 11-17, jul./dez., 2007.

HEGEL. **Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse.** §23; TW, vol. 8. 1830.

HEINEMANN, Fritz. **¿Está viva o muerta la filosofía existencial?** Madrid: Revista de Occidente, 1956.

JANKELEVITCH, Vladimir. **Traité des vertus: Les vertus et l'Amour.** tome 2. Paris: Bordas/Flammarion 1970.

\_\_\_\_\_. **Le Je-ne-sais-quoi et le presque-rien: La Méconnaissance, le malentendu.** vol. 2. Paris: Seuil, 1980.

JASPERS, Karl. **Ambiente espiritual de nuestro tiempo.** Barcelona – Buenos Aires: Labor, 1933.

\_\_\_\_\_. **La fe filosófica.** Buenos Aires. Editora Losada, 1953.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento filosófico.** São Paulo: Cultrix, 1965.

JOLIVET, R. **As doutrinas existencialistas.** Porto: Livraria Tavares Martins, 1961.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura.** Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

LAGNEAU, J. **Célèbres leçons et fragments.** 2. ed. Paris: PUF, 1964.

LARROYO, Francisco. **Pedagogia Existencial**. In: **História Geral da Pedagogia**. São Paulo: Editor Mestre Jou, 1970, p. 869-874.

LIMA, Alceu Amoroso. **O existencialismo e outros mitos do nosso tempo**. Rio de Janeiro: AGIR Editora, 1956.

MALAFAIA, Paulo A. M. **Uma aproximação à ideia de Democracia a partir de Gabriel Marcel**. Trilhas Filosóficas, Caicó, ano 12, n. 3, Edição Especial, 2019, p. 105-126 - ISSN 1984-5561. Dossiê em Comemoração aos 130 anos do Nascimento de Gabriel Marcel.

MARCEL, Gabriel. **L'Iconoclaste**. Paris: Stock, 1923.

\_\_\_\_\_. **Journal Métaphysique**. Paris: Gallimard, 1927.

\_\_\_\_\_. **Le monde cassé**. Paris: Plon, 1933.

\_\_\_\_\_. **Être et avoir**. Paris: Aubier/Montaigne, 1935.

\_\_\_\_\_. **Regard en arrière**. In: **Existentialisme chrétien**: Gabriel Marcel. Paris: Plon, 1947.

\_\_\_\_\_. **Position et approches concrètes du mystère ontologique**. Paris: Vrin, 1949.

\_\_\_\_\_. **Os homens contra o homem**. Porto: Editora Educação Nacional, 1951.

\_\_\_\_\_. **“Teatro y Filosofía. A propósito de Rome n'est plus dans Rome”**. Em: Revista Sur. No 202, agosto 1951a.

\_\_\_\_\_. **“Les Mouches, par J.-P. Sartre”**. Em: Les Nouvelles littéraires. 18 de enero de 1951b (reimpreso en L'Heure théâtrale).

\_\_\_\_\_. **El Misterio del Ser**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1953.

\_\_\_\_\_. **Le déclin de la sagesse**. Paris: Librairie Plon, 1954.

\_\_\_\_\_. **Decadencia de la sabiduría**. Buenos Aires: EMECÉ, 1955.

\_\_\_\_\_. **El Hombre Problemático**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1956.

\_\_\_\_\_. **Présence et immortalité**. Paris: Flammarion, 1959.

\_\_\_\_\_. **Homo Viator: prolegomenes a une métaphysique de l'esperance**. Paris: Aubier-Montaigne, 1963.

\_\_\_\_\_. **Pour une sagesse tragique et son au-delà**. Paris: Plon, 1968

\_\_\_\_\_. **Diário Metafísico**. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1969.

\_\_\_\_\_. **Qué puede esperarse de la filosofía? In: Filosofía para un tiempos de crisis.** Traducción de Fabiam Garcia Preto-Prieto Buendía. Madrid: Ediciones Guadarrama, 1971.

\_\_\_\_\_. **Les hommes contre l'humain.** Préface de Paul Ricoeur. Paris: Edições Universitaires, 1991.

\_\_\_\_\_. **Homo Viator: Prolégomènes à une Métaphysique de l'Espérance.** Paris: Association Présence de Gabriel Marcel, 1997a.

\_\_\_\_\_. **Le Mystère de l'Être: Réflexion et Mystère.** vol. I. Paris: Association Présence de Gabriel Marcel, 1997b.

\_\_\_\_\_. **Entretiens: Paul Ricoeur, Gabriel Marcel.** Paris: Présence de Gabriel Marcel, 1998.

\_\_\_\_\_. **Essai de philosophie concrète.** Paris: Gallimard, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ser y tener.** 2. ed. Madrid: Caparrós, 2003.

\_\_\_\_\_. **Homo viator: prolegómenos a una metafísica de la esperanza.** Salamanca: Sígueme, 2005.

\_\_\_\_\_. **Présence de Gabriel Marcel - le sacré a l'âge technique.** Paris: Nouvelles Imprimeries Laballery, 2010.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos filosóficos (1909-1914):** com acréscimo de **As condições dialéticas de uma filosofia da intuição.** Tradução de Claudinei Aparecido de Freitas da Silva. Cascavel, PR: EDUNIOESTE, 2018.

MARÍAS, Julián. **História da filosofia.** Prólogo de Xavier Zubiri; epílogo de José Ortega y Gasset; tradução Claudia Berliner; revisão técnica Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la perception.** Paris: Gallimard, 1945.

\_\_\_\_\_. **Éloge de la philosophie et autres essais.** Paris: Gallimard, 1953.

\_\_\_\_\_. **Parcours (1935-1951).** Lagrasse: Verdier, 1997.

MONDIN, B. **Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras.** [tradução de J. Renard; revisão técnica de Danilo Morales; revisão literária de Luiz Antônio Miranda]. São Paulo: Paulus, 1980.

MORA, José Ferrater. Marcel, Gabriel. In: **Dicionário de Filosofia.** Tomo 3, Barcelona: Alianza Editorial, 1984, p. 2100–2103.

MOURA, José Barata. **Hegel e o ensino da filosofia nos Liceus.** Revista Dialectus, Ano 11, n 25, 2022, p. 11-47.

MOUNIER, Emmanuel. **Introdução aos existencialismos**. São Paulo: Livraria duas Cidades, 1963.

NÉDONCELLE, M. “**Préface et notes.**” In **(Euvres philosophiques de Newman)**. Paris: Aubier, 1945.

NIETZSCHE, F. **Fragmentos póstumos**. Trad. Oswaldo Giacóia Jr. Campinas, SP: IFCH/Unicamp, Abril/1996, nº22, p. 3-29 [Série Textos Didáticos].

ORTEGA y GASSET, J. **Meditaciones del Quijote**. In **Obras completas de José Ortega y Gasset** (7a ed., Vol. 1, pp. 310-400). Madrid: Revista de Occidente, 1966.

PEREIRA DE GÓMES, Maria Nieves. **Educação personalizada**. Bauru-SP: EDUSC, 1997.

PÉREZ, Julia Urabayer. **El pensamiento antropológico de Gabriel Marcel: um canto al ser humano**. Navarra: EUNSA, 2001.

PRINI, Pietro. **Gabriel Marcel et la méthodologie de l'invérifiable**. Paris: Desclée de Brouwer, 1955.

RAMOS, S. R. V. **Aprendizados de existência, filosofia e a formação humana: leituras Ricœurianas em torno de Marcel e Jaspers**. Capítulo do Livro De filosofia e de filosofares: olhares e pensares sobre achados e acontecimentos, Goiânia-GO: Editora Phillos, 2020.

REZENDE, Antônio Muniz de. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1990.

RICŒUR, P. **Gabriel Marcel et Karl Jaspers – Philosophie du mystère et philosophie du paradoxe**. Paris: Éditions du Temps Présent, 1947.

SANTOS, Delfim. **Fundamentação existencial da pedagogia**. Limeira-SP: Letras da Província, 1951.

SARRAMONA, Ferrandez. **La educación: constantes y problemática actual**. Barcelona: Ediones CEAC, 1975.

SILVA, Claudinei Aparecido de Freitas. **Alianças seminais: Merleau-Ponty e Bento Prado Júnior**. In: **Discurso** – Departamento de Filosofia da FFLCH da USP, v. 41, p. 271-291, 2011.

\_\_\_\_\_. **“A mordedura do real”: Gabriel Marcel e o gesto transcendental**”, in: FERRER, D. F.; UTTEICH, L. C. (Orgs.). *A filosofia transcendental e a sua crítica: idealismo, fenomenologia e hermenêutica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2015, p. 323-355.

\_\_\_\_\_. **Problema ou Mistério? O estatuto da filosofia via Gabriel Marcel**. In: **Problemata: R. Intern. Fil.** V. 9. n. 2 (2018), p. 188-205.

\_\_\_\_\_. **Entre o ascetismo e a Kolakeia: Marcel e o paradoxo do filósofo no mundo atual.** Trilhas Filosóficas, Caicó, ano 12, n. 3, Edição Especial, 2019, p. 141-157 - ISSN 1984-5561. Dossiê em Comemoração aos 130 anos do Nascimento de Gabriel Marcel.

SILVA, Ezir George. **Fenomenologia da metafísica do ser e do ter: contribuições do pensamento filosófico de Gabriel Marcel para a educação numa perspectiva da formação humana.** (Tese de Doutorado em Educação). UFPE, Recife, 2014.

\_\_\_\_\_. **Educação e filosofia da existência: contribuições de Otto Friedrich Bollnow para a formação humana.** São Paulo: Liber Ars, 2018.

\_\_\_\_\_. **O filósofo em tempos sombrios: participação e aproximações concretas do sentido ontológico.** Trilhas Filosóficas, Caicó, ano 12, n. 3, Edição Especial, 2019, p. 83-103 - ISSN 1984-5561. Dossiê em Comemoração aos 130 anos do Nascimento de Gabriel Marcel.

\_\_\_\_\_; ESCOLA, Joaquim José Jacinto; RÖHR, Ferdinand. **Papel do professor de filosofia da educação na era da técnica e da tecnologia: contribuições do pensamento de Gabriel Marcel para a vivência pedagógica numa perspectiva da formação humana.** Revista N°. 13/2015 GFE/INSTITUTO DE FILOSOFIA DA FLUP, p. 96-105.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia existencial da morte: da comunhão a eternização do ser amado.** Paralellus, Recife, v. 8, n. 18, mai./ago. 2017, p. 307-325

STEFANELLO, Antoninho Pegoraro. **O homem, um ser em trânsito - perspectiva de Gabriel Marcel.** (Dissertação de Mestrado). Santa Maria: UFSM, 1976.

TEIXEIRA, Joaquim de Sousa. **A apologética filosófica de Gabriel Marcel.** *Didaskalia*. Lisboa. ISSN 0253-1674. 8:1, p. 55-88, 1978.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus logico-philosophicus.** Trad. Luiz H. L. Santos. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1994.

ZILLES, U. **Gabriel Marcel e o Existencialismo.** Porto Alegre: Ed. PUCRS/Acadêmica, 1988.